

MAURÍCIO DE AZEVEDO VALENTINI

**PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR-
BLOGUEIRO**

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Linguística da
Universidade de Franca como
exigência parcial para obtenção do
título de Mestre em Linguística.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Regina
Momesso.

**FRANCA
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MAURÍCIO DE AZEVEDO VALENTINI

PRÁTICAS DISCURSIVAS E IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR- BLOGUEIRO

Presidente: _____
Nome: Prof^ª Dr^ª. Maria Regina Momesso
Instituição: Unifran

Titular 1 _____
Nome: Prof^ª Dr^ª. Gloria Maria Palma
Instituição: Universidade do Sagrado Coração

Titular 2 _____
Nome: Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira
Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Franca, 28/08/2009.

Dedico à minha esposa Karina; às minhas filhas, Marina e Maria Teresa; a meus pais, Francisco e Ana Luiza.

Agradeço a Deus, que colocou mestres e amigos como se fossem anjos nesta estrada dissertativa. Na comitiva celeste estão a pessoa de minha orientadora, professora Maria Regina Momesso, os professores do programa de mestrado em Linguística da Unifran e minha esposa Karina.

Ao professor Luiz Antonio Ferreira, que compôs minha banca de qualificação trazendo sugestões e críticas fundamentais para que esta dissertação tivesse chegado ao formato atual.

Ao professor Juscelino Pernambuco, que também compôs a banca de qualificação trazendo contribuições preciosas a este trabalho.

Ao meu amigo Alceu Luís, sempre presente.

A Unifran e a todos os seus funcionários, por acreditar e incentivar esta pesquisa, em especial ao Sr. Luiz Carlos Leite Lourenço e a professora Hercídia Mara Facuri.

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.

Michel Foucault

Lista de Figuras

Figura 1	—	Layout padrão de um portal	54
Figura 2	—	Layout padrão de um blog	55
Figura 3	—	Visão geral das categorias do Blog leitura e escrita na escola	65
Figura 4	—	Cabeçalho de apresentação do Blog leitura e escrita na escola ...	70
Figura 5	—	Imagem do perfil do blog Leitura e Escrita na escola	72
Figura 6	—	Visão geral das categorias do Blog Adriana Zardini	73
Figura 7	—	Imagem do perfil do Blog Adriana Zardini.....	75
Figura 8	—	Visão geral das categorias do Blog Blogicamente.....	78
Figura 9	—	Imagem do perfil do Blog Blogicamente	79
Figura 10	—	Imagem de banners no Blog Blogicamente	80

RESUMO

VALENTINI, Maurício de Azevedo. **Práticas discursivas e identitárias do professor-blogueiro**. 2009. 92 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca – UNIFRAN – Franca, SP, Brasil.

Esta dissertação apresenta uma análise dos discursos que circulam em *weblogs* educativos com o objetivo de responder qual o discurso do professor-blogueiro e como esse discurso constitui o professor como sujeito na contemporaneidade. Para isso, procedeu-se à identificação e análise das práticas discursivas emergentes em três *weblogs* educativos do domínio *Blogger* e verificou-se como se dá a construção do sujeito professor e quais os efeitos de sentido de suas práticas discursivas. Os *weblogs* são, na origem do termo, “diários de bordo”. A hipótese levantada foi a de que o sujeito-professor-blogueiro seria atravessado por várias vozes, advindas de várias formações discursivas, que estão em constante movimento, tornando-o heterogêneo, o que lhe permite apenas vislumbrar momentos de identificação. A importância deste trabalho reside em olhar para uma questão emergente, em que o professor encontra-se angustiado com as mudanças exigidas tanto por sua prática docente quanto pelos discursos educacionais que alardeiam a necessidade da inserção das novas tecnologias na educação. Ancorou-se na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, cujo fundador é Michel Pêcheux (1997), que considera o sujeito discursivo em constante processo de construção a partir de fatores sociais, históricos e ideológicos. Foucault (1995, 1997, 2000, 2006a, 2006b) orienta o olhar do pesquisador para as práticas subjetivadoras que os indivíduos aplicam-se em si mesmos, como as “técnicas de si”, entre os antigos gregos. Os *weblogs* foram considerados tecnologia que possibilita a objetivação e a subjetivação do indivíduo. São conceituados os termos discurso, ideologia, das formações discursivas, sujeito do discurso e das práticas discursivas e identitárias sob a perspectiva da AD. Autores como Gregolin (2006, 2004) subsidiam a compreensão da evolução dos conceitos da teoria. A temática da cibermídia teve como suporte os trabalhos de Lévy (1999), Castells(2003), Barbosa e Granado (2004) e para a noção de identidade na contemporaneidade o suporte fez-se em Bauman (2001) e Hall (2002). Os resultados apontam para a constituição heterogênea do sujeito-professor-blogueiro, sempre atravessado pelas vozes das formações discursivas em embate na sociedade da comunicação e da informação, dividido, preocupado em vestir-se de uma outra identidade que o insira em um novo tempo, um novo mundo tecnologizado.

Palavras-chave: prática discursiva e identitária, professor-blogueiro, blog educativo, análise de discurso

ABSTRACT

VALENTINI, Maurício de Azevedo. 2009. 92 f. **Discursive and identity practices of the teacher-blogger.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca – UNIFRAN – Franca, SP, Brasil.

This dissertation introduces an analysis of the discourses that circulate in educational weblogs in order to answer which discourse the teacher-blogger is and how he/she constitutes himself/herself as subject in the contemporary society. Therefore, it was proceeded the identification and analysis of the emerging discursive practices in three educational weblogs - Blogger domains - and it was verified how the construction of the teacher subject occurs and what effects of sense of their discursive practices were carried out. The term weblog means "logbook." Our hypothesis was that the subject-teacher-blogger would be crossed by several voices, resulting from various discursive formations, which are in constant movement, becoming the subject heterogeneous, allowing only a glimpse of identification moments. The importance of this work is due to the fact that it deals with an emerging issue, in which the teacher is distressed with the changes required both for their teaching practice and for the educational discourses that boasts the necessity of integrating new technologies in education. The research was anchored in the perspective of the French Discourse Analysis (DA), whose founder is Michel Pêcheux (1997), which considers the subject in a constant process of construction from social, historical and ideological factors. Foucault (1995, 1997, 2000, 2006a, 2006b) guided the researcher's eye to the subjectivation practices that individuals apply in themselves, such as "techniques for self", from the ancient Greeks. The weblogs were considered technology that allows the objectification and subjectification of the individual. Terms such as discourse, ideology, discursive formations, subject of discourse and discursive practices were conceptualized from the perspective of DA. Authors such as Gregolin (2006, 2004) supported the understanding development of the theory concepts. The cibermedia was supported by Levy (1999), Castells (2003), Barbosa e Granado (2004) and for the notion of identity in the contemporaneity by Bauman (2001) and Hall (2002). The results indicate the constitution of a heterogeneous subject-teacher-blogger, always crossed through the voices of discursive formations clashed in the communication and information society, divided, anxious to put on another identity that introduce himself/herself into a new time, a new technological world.

Keywords: discursive and identity practice; teacher-blogger; educational weblog; discourse analyses.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: alguns conceitos da Análise de Discurso ...	14
1.1 Linguagem, Ideologia, Discurso	14
1.2 Bakhtin, Pêcheux e Foucault: encontro de concepções	25
1.3 Sujeito, Identidade: práticas discursivas e identitárias, técnicas de si.....	30
2 INTERNET, EDUCAÇÃO, DISCURSOS E IDENTIDADE	40
2.1 Breve histórico do advento da Internet	40
2.2 A Identidade na cibermídia.....	45
2.3 O discurso da inclusão digital	48
3 BLOGS EDUCATIVOS	52
4 UMA REDE DE BLOGS: Internet e Web na educação	60
4.1 <i>Blog</i> Leitura e Escrita na Escola	65
4.2 <i>Blog</i> Adriana Zardini	73
4.3 <i>Blog</i> Blogica_mente.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
GLOSSÁRIO.....	85
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXO	92

INTRODUÇÃO

Os discursos sobre uso da Internet na educação têm caminhado para tornar-se uma realidade. Muitos professores se vêem na linha tênue entre a prática docente presencial, com seus recursos tradicionais, e a prática docente virtual mediada pelas novas tecnologias. A Internet tem se revelado como um dos dispositivos tecnológicos recomendados por instituições educacionais, tanto privadas como públicas, no sentido de incentivar e ampliar a inclusão digital na esfera de atuação educacional. No espaço virtual da *World Wide Web* - Rede de alcance mundial – em português, também conhecida como *Web*, que se caracteriza por ser um sistema de documentos em hipermídia interligados na Internet, os *weblogs* têm se mostrado como uma das ferramentas usadas também por professores com esse propósito.

Os *weblogs* configuram-se como páginas da *Web* que permitem a publicação de conteúdos digitais, a interatividade e a interação entre pessoas conectadas à rede. Também chamado de *blog*, pela contração das palavras em inglês "*Web log*", que significam "diário de bordo", um *webblog* pode combinar texto, imagens e *links* para outros *webblogs*. Também chamado de *blogue* em Portugal, sua estrutura permite a atualização rápida da página a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou "*posts*", forma substantiva do verbo "postar", no caso, uma entrada de texto. Em sua maioria são textuais, embora uma parte seja focada em temas exclusivos como arte, fotografia, vídeos, música ou áudio e formam uma ampla rede de mídias sociais. Muitos *webblogs* inscrevem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários *online*.

Assim, alguns questionamentos moveram-nos como pesquisador, nesta dissertação, para a reflexão e a pesquisa sobre a seguinte temática: Que práticas discursivas e identitárias circulam e são criadas dentro do espaço virtual dos *weblogs* educativos? Quem é o professor que se faz presente nessa ferramenta tecnológica? Como se dá o processo de construção do sujeito professor dentro desse cenário?

A hipótese que levantamos foi a de que o sujeito-professor-blogueiro seria atravessado por várias vozes, advindas de várias formações discursivas, que estão em constante movimento, tornando-o heterogêneo, o que lhe permite apenas vislumbrar momentos de identificação.

O processo é muito novo e pouco conhecido. Logo, a pesquisa se justifica por olhar para uma situação emergente, em que o professor se encontra angustiado com as mudanças exigidas tanto por sua prática docente virtual quanto pelos discursos educacionais que alardeiam a necessidade da inserção das novas tecnologias na educação. Muitos são os problemas que envolvem a inclusão digital tanto de docentes quanto de discentes. Essas dificuldades são de ordem prática, econômica, ideológica e teórica. Por isso, esta dissertação tem por **objetivo geral** refletir sobre as práticas discursivas e identitárias de professores em alguns *weblogs* educacionais. Para tanto, os **objetivos específicos** são: **a)** identificar as práticas discursivas e identitárias emergentes em três *weblogs* educacionais; **b)** verificar como se dá a construção do sujeito professor-blogueiro nesses *weblogs* e quais os efeitos de sentido de suas práticas discursivas.

Selecionamos o corpus para análise com base no *webblog Internet e Web na Educação* (<http://internetnaeducacao.blogspot.com/>), que divulga e armazena *links* de *blogs* de professores de diversas áreas do conhecimento. Inscrevemo-nos em um grupo de discussão *online* do *Internet e Web na Educação* e, a partir da observação das práticas discursivas dos professores mais ativos do grupo, selecionamos os três *weblogs* já referidos para a investigação.

Para fazer a leitura do *corpus* e analisá-lo, a investigação baseia-se no aporte teórico da Análise de Discurso Francesa – AD - fundada por Michel Pêcheux, e nas pesquisas do filósofo Foucault (1997, 1994, 1995, 2000, 2006a, 2006b) acerca do discurso, das formações discursivas, do sujeito do discurso, das práticas discursivas e identitárias e das técnicas de si. Outros autores como Gregolin (2006, 2004) ofereceram subsídios para a compreensão da evolução dos conceitos da Análise do Discurso sob o ponto de vista dos dois teóricos. Em Coracini (2003) visualizaram-se maneiras de analisar o corpus no que tange a questão das práticas discursivas e identitárias. A temática da cibernídia tem como suporte os trabalhos de Lévy (1996, 1999), Lemos (2004). Hall (2002) e Bauman (2001) apontaram aspectos sobre a identidade dos sujeitos na contemporaneidade.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro trata dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, que nortearam nosso olhar sobre as práticas discursivas que circulavam nos *webblogs*¹ indicados. Conceituamos aspectos essenciais da teoria como linguagem, ideologia, discurso, enunciado, formações discursivas e ideológicas, sujeito, práticas discursivas e identitárias e técnicas de si. Ressaltamos alguns pontos de discordância, mas principalmente os de concordância entre os três pilares da AD, Bakhtin, Pêcheux e Foucault, que contribuíram para o projeto dessa teoria, embora tenhamos nos baseado mais em Foucault ao analisar as subjetividades emergentes.

No segundo capítulo, o objetivo é tecer um breve histórico da Internet como uma das tecnologias da comunicação e da informação mais presentes na contemporaneidade. Essas tecnologias virtualizam as questões de espaço e de tempo e permitem a desterritorialização do estar no mundo virtual por meio da *WEB*. Assim, nesta parte do trabalho, apresentamos um painel das condições de produção das práticas discursivas e identitárias que foram analisadas no quarto capítulo.

Nesse segundo capítulo, refletimos sobre as relações técnico-sociais trazidas pela contemporaneidade, como a questão da inclusão digital do professor e os discursos que circulam a favor ou contra essa corrente. Estas questões envolvem discursos que (re)significam a maneira de ver, pensar e fazer a educação no mundo virtual e, conseqüentemente, as identidades estabelecidas para o professor. Preferimos, apoiados em Coracini (2003), nos remeter a momentos de identificação dos sujeitos. As transformações da contemporaneidade, impulsionadas pelas novas tecnologias digitais e de informação, deixam exposta a volatilidade dos sujeitos, que tecem suas relações de poder e saber numa dinâmica líquida e plural nas materialidades linguísticas digitais, percebidas nos *blogs*.

O terceiro capítulo trata do fenômeno da *blogosfera* e do suporte *blog*. Nos discursos que circulam sobre esse fenômeno, os *blogs* são considerados como uma ferramenta pedagógica de “excelentes resultados” e de baixo custo, pois não depende de grandes recursos tecnológicos, basta uma ligação à internet.

¹ De ora em diante *weblogs* serão tomados por *blogs*, termo usualmente utilizado na rede.

No quarto capítulo realizamos análise do *corpus* selecionado, em que buscamos trazer à tona práticas discursivas de professores-blogueiros, que emergem dos enunciados desses *blogs*, e analisamos como estas constituem o sujeito professor-blogueiro, bem como os efeitos de sentido das mesmas práticas, ou seja, seus momentos de identificação.

As considerações finais apontam um sujeito professor-blogueiro disperso, atravessado por várias vozes das formações discursivas que o constituem, preocupado em vestir-se de uma outra identidade que o insira em um novo tempo, um novo mundo. Dessa maneira, ele está em conflito consigo mesmo e com os novos valores da educação, muito diferentes do que se tinha antes dessa prática.

As novas tecnologias são processo e produto da cibercultura que compõem o pano de fundo da contemporaneidade. Os estudiosos da contemporaneidade entendem que os indivíduos são levados pelos discursos a desejarem ser diferentes, únicos, individuais, mas são pressionados a agirem igualmente, a seguirem as mesmas estratégias de vida, a usarem símbolos comuns, o que os torna essencialmente iguais. As novas tecnologias fizeram surgir e ao mesmo tempo exigem um novo tipo de indivíduo, isto é, um trabalhador em todos os setores sociais e econômicos, dotado de competências técnicas múltiplas, habilidade no trabalho em equipe, capacidade de aprender e de se adaptar a situações novas. O perfil estabelecido é complexo, na medida em que ele tem de ser autônomo, dominar a cultura da informação e ao mesmo tempo ser responsável por seus méritos e fracassos, ser uno e pertencer ao grupo. O conflito, portanto, se apresenta como a busca de uma identidade.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: alguns conceitos da Análise de Discurso

Antes de apresentarmos a teoria que ilumina nosso olhar para os discursos que circulam nos *blogs* educacionais, nesta dissertação, gostaríamos de esclarecer sob que perspectiva ela, a Análise de Discurso francesa², concebe a linguagem, a ideologia, o discurso/enunciado. Em um tópico seguinte, trataremos do sujeito.

1.1 Linguagem, Ideologia, Discurso/enunciado

Linguagem

A linguagem, na evolução dos estudos da linguagem, apresenta três possibilidades de concepção: a primeira como expressão de pensamento, em que a enunciação era considerada um ato solitário, não afetado pelo outro nem pelas circunstâncias em que a enunciação se dava.

Em seguida, a linguagem foi concebida como instrumento de comunicação, em que a língua era tida como um sistema de código conhecido e dominado pelo falante para transmissão de informações.

Contemporaneamente, a linguagem é compreendida como um processo de interação. Nessa perspectiva, a língua é um lugar de possibilidade do discurso, é o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido entre os interlocutores, em uma dada situação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Nesse espaço, os interlocutores ocupam lugares sociais, de onde falam e ouvem. O diálogo é que caracteriza a linguagem.

Todas essas concepções são tributárias, de alguma forma, dos importantes estudos de Saussure, linguista suíço, sobre a língua como um sistema abstrato de signos. Quer assumindo seus postulados teóricos, quer rejeitando-os, os estudos linguísticos, a partir dele, se depararam com os limites da dicotomia entre língua e fala, e as consequências advindas da exclusão da fala de seus campos de estudo.

² De ora em diante Análise de Discurso Francesa será tomada por AD

Segundo Brandão (1995), o linguista russo Mikhail Bakhtin foi um dos estudiosos que, após Saussure, antecipou as orientações da linguística moderna, tomando a língua também como um fato social, mas afastando-se dele ao considerar a língua como algo concreto, fruto da manifestação individual, valorizando, por sua vez, a fala. A enunciação, na concepção baktiniana, passa a ocupar lugar privilegiado na realidade da linguagem porque considera a intersubjetividade entre os interlocutores. Conforme a autora (1995, p. 10):

Essa visão da linguagem como interação social, em que o *Outro* desempenha papel fundamental na constituição de significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social.

A respeito dessa articulação entre o linguístico e o social, Brandão (1995, p. 10) relata que, para Bakhtin, “a palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela caracteriza-se pela plurivalência” e “por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia”. Segundo a autora, o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos, a partir desse ponto de vista, “é o discurso”.

O reconhecimento da dualidade constitutiva da linguagem provoca um deslocamento nos estudos linguísticos que, a partir de então, passam a considerar o discurso como instância a ser estudada. Sendo assim, nessa perspectiva, “a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada em uma intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação de ideologia” (BRANDÃO, 1995, p. 12).

Podemos afirmar portanto que a linguagem consiste na materialização do discurso e carrega consigo as manifestações ideológicas de ordem sócio-histórica enunciadas pelos sujeitos do discurso. Ela é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos; é o elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade, lugar de confronto ideológico.

A Análise de Discurso surge assim, como a tendência linguística que vai estudar a linguagem sem dissociá-la da sociedade, sem desvinculá-la de suas condições de produção, buscando as relações que a vinculam com a ideologia.

O conceito de condições de produção, inicialmente pensado por Pêcheux, e depois reformulado, não pode ser compreendido longe de uma análise histórica das contradições ideológicas presentes na materialidade dos discursos e articulada teoricamente com o conceito de formação discursiva.

Antes da apresentação dos conceitos de formação ideológica e de formação discursiva, é necessário esclarecer a que conceito de ideologia se reporta a AD.

Ideologia

O conceito de ideologia em que se sustenta a Análise de Discurso deriva do trabalho de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado, o pensador, foi discípulo de Marx.

O conceito de, ideologia, em Marx, refere-se ao conjunto do pensamento da classe dominante. E foi tomada como ponto de partida para a elaboração de sua teoria crítica que analisa o sistema capitalista e o respectivo lugar da classe burguesa.

Althusser, em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1970), afirma que, para perpetuar sua dominação, a classe dominante cria meios de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Entra aí o papel do Estado que, por intermédio de seus Aparelhos Repressores (Governo, Administração, Exército, polícia, tribunais, prisões) e Aparelhos Ideológicos (instituições como escola, igreja, família, Direito, política, sindicato, cultura, informação) intervém ou pela repressão ou pela ideologia, a fim de submeter a classe dominada às relações e condições de exploração (BRANDÃO, 1995).

Em uma segunda parte de seu trabalho, Althusser (1970) retoma as indagações sobre o conceito do que chama de “ideologia em geral” que consiste na “[...] a abstração dos elementos comuns de qualquer ideologia concreta, a fixação teórica do mecanismo geral de qualquer ideologia” (Althusser, 1970, *apud* Brandão, 1995, p. 22).

Para explicar essa noção, o teórico formula três hipóteses:

a) “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência.”

Althusser entende que a relação do indivíduo com as condições reais de existência é necessariamente imaginária, uma vez que o homem representa simbolicamente sua relação com a realidade. Essa forma de simbolizar supõe um distanciamento do real, que pode contribuir para a deformação imaginária desta realidade, ou seja, para a alienação do homem.

b) “a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas.”

Entende-se, nesse aspecto, que a ideologia se materializa nos atos concretos, moldando as ações. Assim, conclui Althusser que a prática só existe em uma e por meio de uma ideologia.

c) “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos.”

A afirmação permite considerar que a ideologia constitui indivíduos concretos em sujeitos mediante mecanismos de interpelação e de (re)conhecimento, por meio dos rituais materiais da vida cotidiana. Brandão (1995, p. 23-24) comenta que esse reconhecimento se dá “no momento em que o sujeito se insere, a si mesmo e as suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos” e que “como categoria constitutiva da ideologia será somente através do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia será possível”.

Ideologia na Análise de Discurso francesa

O conceito de ideologia em Pêcheux foi constantemente reformulado durante a construção da teoria da Análise do Discurso. No primeiro momento, de 1969 a 1975, influenciado pelas teses althusserianas sobre os aparelhos ideológicos e o assujeitamento, concebe um sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente (um sujeito que não é fonte nem origem do dizer; que reproduz o já-dito, o já-lá, o pré-construído). Num segundo momento, na década de 80, desloca-se das posições althusserianas e, ao rever o conceito de formação discursiva - a partir da releitura que Courtine faz de Foucault em *Arqueologia do saber* - e aproximar-se dos estudos sobre a heterogeneidade e a alteridade - por meio de Authier-Revuz - produz profundas mudanças teórico-metodológicas na AD. Pêcheux refina a análise das relações entre língua, discurso, ideologia e sujeito, formulando sua teoria dos dois esquecimentos (sob a ação da interpelação ideológica, o sujeito pensa que é a

fonte do dizer, pois este se mostra como uma evidência). Ainda nesse período, reafirma as teses althusserianas e retoma a interpelação ideológica, acentuando o caráter contraditório e desigual do assujeitamento e o fato de os aparelhos ideológicos não só reproduzirem, mas transformarem as relações de produção do discurso: “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam, ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1998, p. 161). No terceiro momento da AD, entre 1980 e 1983, num período de crise das esquerdas francesas, o teórico revê as posições dogmáticas que o vinculavam ao Partido Comunista e se aproxima das teses foucaultianas, das propostas dos historiadores da “Nova História”, ao adotar a perspectiva de que o discurso é, ao mesmo tempo, da ordem da estrutura e do acontecimento. O teórico reinterpreta Bakhtin no que se refere à importância da inscrição das discursividades no acontecimento. São tematizados o conceito de heterogeneidade e a ideia de alteridade (“presença do discurso do outro como discurso de um outro e/ou discurso do Outro”), as relações entre intradiscurso e interdiscurso (“no fio do discurso, vestígios da memória discursiva”) e outros (GREGOLIN, 2004).

Foucault evita, explicitamente, empregar o termo ideologia, por considerá-lo muito carregado de significados, o que não denota que ele não mobilize a ideia de luta pelo poder. A ideia de *microfísica do poder* faz com que as noções de “aparelhos ideológicos” e de “luta de classes” (centrais nas propostas althusserianas) percam seu valor heurístico. Segundo Gregolin (2006, p. 44):

como os poderes não estão situados em nenhum ponto específico da estrutura social, se eles funcionam como uma rede de dispositivos sem um exterior possível, limites ou fronteiras, para Foucault não existe, de um lado, aqueles que têm poder (“classe dominante”), e, de outro, os que estão dele alijados (“classe dominada”). Os micropoderes se disseminam por toda a estrutura social.

Esse teórico não relaciona o saber e o poder diretamente com a economia, como no marxismo clássico. Sendo o saber compreendido na materialidade, como prática, como acontecimento, ele está intimamente relacionado com os poderes. Isso sugere que Foucault não faz distinção entre ideologia e ciência. Ao situar a ideologia como história do saber, ele afasta a ideia de neutralidade objetiva da ciência e da ideologia como “falsa consciência”. Todo saber

é político, não porque gerado pelo estado, mas porque tem sua gênese nas relações de poder. Saber e poder se implicam mutuamente. O poder quer gerir, controlar, aumentar a produtividade dos corpos e, para conseguir essa gestão e controle, criam-se sociedades disciplinares, que usam como técnica a organização do espaço e do controle do tempo. O indivíduo é uma produção do poder e do saber (O hospício produz o louco como doente mental, personagem individualizado a partir da instauração de relações disciplinares de poder). O poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, o fabrica e, por isso, o indivíduo é um dos mais importantes efeitos de poder. A vigilância é um dos principais instrumentos de controle, ao exercer um poder e produzir um saber (GREGOLIN, 2006).

Foucault retoma da filosofia nietzscheana os conceitos de “genealogia” e “interpretação” e, a partir deles, desenvolve a ideia de História como “diagnóstico do presente”. Segundo Gregolin (2006, p. 45) “se o objetivo fundamental de Foucault é ‘produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura’ e, se essa história é constituída pelo discurso, a relação entre linguagem, história e sociedade está na base de suas reflexões”.

Considerando que o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, ao se analisar a articulação do discurso com a ideologia, é necessário recorrer aos conceitos de “formação ideológica” e de “formação discursiva”.

Formação ideológica

Para Pêcheux (1998) é a materialidade econômica que deve caracterizar a ideologia em uma dada formação social. Isto porque a região do materialismo histórico que interessa ao estudo do discurso é a da superestrutura ideológica ligada ao modo de produção dominante naquela formação social.

Isso significa dizer que a ideologia funciona como reprodutora das relações de produção, isto é, o sujeito será assujeitado como sujeito ideológico, de forma que cada sujeito interpelado pela ideologia busque ocupar o seu lugar em um grupo ou classe social de uma determinada formação social, acreditando estar exercendo a sua livre vontade.

Segundo Brandão (1995), as classes sociais mantêm e perpetuam a ideologia através do que Althusser (1970) denominou de AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado). Esses aparelhos ideológicos colocam em jogo os lugares nas relações de classes. Por isso, conforme a autora, num determinado momento histórico e no interior dos aparelhos ideológicos, as relações de classe podem se caracterizar pelo confronto de posições políticas e ideológicas que se organizam de forma a entreter entre si relações de aliança, de antagonismos ou de dominação.

A organização de posições políticas e ideológicas constituem as formações ideológicas:

[...]cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais', mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras (Haroche et alii, 1971, *apud* Brandão, 1995, p. 38).

Nesse sentido, a formação ideológica tem como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Desse modo, as formações discursivas inscritas em uma formação ideológica é que vão determinar "o que pode ou deve ser dito" a partir de uma conjuntura dada:

[...] chamaremos, então, *formação discursiva* àquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*. (PÉCHEUX, 1998 p. 160) .

Entende-se assim, que as formações discursivas representam, no discurso, as formações ideológicas correspondentes. Se a formação discursiva determina o que se pode e o que se deve dizer, a partir de uma posição dada, as palavras e expressões usadas recebem o seu sentido da formação discursiva em que foram produzidas. Desse modo, as palavras e expressões mudam de sentido conforme as posições mantidas pelos que as usam, o que significa que elas tomam seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Formação discursiva

Se para Pêcheux o conceito de formação discursiva compreende o lugar de construção dos sentidos, ao determinar o que "pode" e "deve" ser dito, a

partir de uma posição, pode-se entender que a uma dada formação discursiva sempre corresponde uma dada formação ideológica.

Em Foucault, a noção de formação discursiva não se refere a ideologia, mas o autor considera que faz menção a tal em sua definição, no trecho:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás para designar semelhante dispersão, tais como 'ciência', 'ideologia', ou 'teoria', ou 'domínio de objetividade' (FOUCAULT, 2000, p. 43).

Ao problematizar a própria metodologia da AD, Pêcheux, no movimento em direção à heterogeneidade, reinterpreta a noção de formação discursiva de Foucault e institui a noção de FD para a Análise do Discurso:

[...] a noção de formação discursiva, tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu 'exterior': uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadida' por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de 'preconstruídos' e de 'discursos transversos') (PÊCHEUX, 1997c, p. 314).

Essa conceituação de FD envolve dois tipos de funcionamento: a paráfrase e o pré-construído.

A paráfrase é o espaço em que enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade.

O pré-construído designa aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, portanto, independente do que é construído pelo enunciado. É o elemento que irrompe no discurso como se estivesse já - aí. O pré-construído remete a interpelação ideológica, visto que garante o que cada um conhece, pode ver ou compreender e determina também o que pode ser dito. De acordo com Brandão (1995, p. 39):

o pré-construído, entendido como 'objeto ideológico, representação, realidade' é assimilado pelo enunciador no processo de seu assujeitamento ideológico quando se realiza a sua identificação, enquanto sujeito enunciador, com o Sujeito Universal da FD.

É a formação discursiva que regula o fato de que sujeitos falantes, situados numa mesma conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a ser atribuído às palavras, o que permite a diversidade de sentidos numa mesma língua. Sendo assim, podemos afirmar que uma formação discursiva não está fechada em si mesma, seus limites são fluidos e se inscrevem entre diversas formações discursivas, ocasionando a contradição que é sempre inerente a ela. É essa contradição que dará mobilidade, possibilidades de mudanças, maleabilidade e historicidade ao discurso. Podemos afirmar, então, que uma formação discursiva é heterogênea e contraditória em si mesma.

É importante observar, com Brandão (1995), que, embora dentro de uma FD os falantes digam ‘o que deve e pode ser dito’ buscando homogeneidade, os efeitos das contradições ideológicas de classe podem ser recuperados no interior dos conjuntos discursivos.

Ao aproximar as duas abordagens feitas por Foucault e Pêcheux, Courtine (1981, *apud* Brandão, 1995, p. 41) observa que o conceito de formação discursiva liga contraditoriamente dois modos de existência do discurso como objeto de análise: o nível do enunciado e o nível da formulação.

O nível do enunciado diz respeito ao sistema de formação dos enunciados que englobaria ‘um feixe complexo de relações’ funcionando como regras que determinariam o que pode e deve ser dito por um sujeito em uma determinada conjuntura, no interior de uma formação discursiva, sob a dependência do interdiscurso desta última.

O nível de formulação refere-se ao “estado terminal do discurso” quando os enunciados manifestam certa “coerência visível horizontal”. Essa coerência refere-se ao intradiscurso em que a seqüência discursiva existe como um discurso concreto no interior do “feixe complexo de relações” de um sistema de formação.

Segundo Brandão (1995, p. 41), para Courtine “toda seqüência discursiva deve ser analisada em um processo discursivo de reprodução/ transformação dos enunciados no interior de uma formação discursiva dada”. É por isso que o teórico entende que o estudo do intradiscurso deve estar associado ao estudo do interdiscurso na formação discursiva.

Discurso/enunciado

Na AD, o discurso é concebido como uma dispersão, visto que seus elementos não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Entre as várias referências à noção de discurso em Foucault, temos:

chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (FOUCAULT, 2000, p. 135).

Percebemos que o discurso está intimamente ligado a uma formação discursiva e ao enunciado como uma função enunciativa.

O **enunciado** é a unidade elementar que constitui o discurso, considerada como uma “função” caracterizada por quatro elementos básicos: um referente (ou seja, um princípio de diferenciação), um sujeito (no sentido de “posição” a ser ocupada), um campo associado (isto é, coexistir com outros enunciados) e uma materialidade específica por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas por técnicas, práticas e relações sociais (FOUCAULT, 2000, p. 123-136).

Nas várias formas de conceituar discurso, o filósofo vai delineando seu campo, sempre se remetendo aos enunciados, como nos trechos:

[...]em lugar de estreitar, pouco a pouco, a significação tão flutuante da palavra ‘discurso’, creio ter-lhe multiplicado os sentidos: ora domínio geral de todos os enunciados, ora grupo individualizável de enunciados, ora prática regulamentada dando conta de um certo número de enunciados [...] (FOUCAULT, 2000, p. 90).

as diversas modalidades de enunciação em lugar de remeter à síntese ou função unificante do sujeito, manifestam sua dispersão ((FOUCAULT, 2000, p. 69).

Em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico nem exclusivamente material), o enunciado é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem (...) ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2000, p. 98-99).

[...] não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro, independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (FOUCAULT, 2000, p. 113-114).

Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele diz (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (FOUCAULT, 2000, p. 119-120).

Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo[.] a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva (FOUCAULT, 2000, p. 135).

Podemos compreender, como analistas, com o teórico, que “a análise do enunciado e a da formação discursiva são estabelecidas correlativamente”, porque “a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa” (FOUCAULT, 2000, p.135).

Depois de caracterizar o discurso como “conjunto de enunciados”, o estudioso remete-se à sua historicidade no trecho:

O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo em um determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (FOUCAULT, 2000, p. 135).

O discurso não é também atravessado pela unidade do sujeito e sim pela sua dispersão. Essa dispersão decorre das várias posições que o sujeito pode assumir no discurso.

Numa visão pecheutiana, em sua primeira fase de estruturação da AD, por volta de 1969, o **discurso** seria “um efeito de sentido entre interlocutores” (Pêcheux, 1997a), dependente das condições de produção dos enunciados, porque determinado pelo contexto social, histórico e ideológico em que foi produzido.

Já em uma segunda fase, na década de 80, Pêcheux adota a perspectiva de que o discurso é da ordem da estrutura e do acontecimento:

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito

miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma 'infelicidade' no sentido performativo do termo – isto é, por um 'erro de pessoa', isto é, sobre o outro, objeto de identificação (PÊCHEUX, 2006, p. 56). (Discurso estrutura ou acontecimento)

Ao final dessas considerações, podemos compreender que o discurso, como objeto da AD, não é língua, nem texto, nem fala, embora os elementos linguísticos lhe proporcionem uma existência material. Isso significa dizer que o discurso implica uma exterioridade à língua, pois se encontra no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística: refere-se a aspectos sociais, históricos e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Por outro lado, as escolhas lexicais que os sujeitos do discurso fazem revelam filiações ideológicas, escolhas, historicidade, dispersão, que interagem, revelando a presença de outros discursos. Essas formações discursivas, por sua vez, revelam a posição de um sujeito ou de grupos de sujeitos em relação a um determinado tema em uma dada situação histórica.

1.2 Bakhtin, Pêcheux e Foucault: encontro de concepções

Este item em nosso trabalho tem o intuito de mostrar que a Análise do Discurso de linha francesa foi baseada em idéias de diferentes estudiosos, com projetos epistemológicos diferentes que convergiram a favor da construção de seu arcabouço teórico que continua, ainda hoje, em movimento.

É importante esclarecer que, ao apresentar pontos de discordância, não pretendemos discutir qual dos teóricos está com a razão, mas realçarmos os pontos de convergência entre eles.

Para olharmos nosso *corpus* e descobrirmos, nas práticas discursivas dos professores em interação virtual, as subjetividades, trabalharemos primordialmente com Foucault.

A Análise de Discurso surgiu na França, em 1969, como uma proposta, de base marxista, de análise de texto, que considerasse suas materialidades discursivas em relação com a história e suas condições de produção.

A história epistemológica dessa teoria, como já foi dito, teve como precursor o filósofo Michel Pêcheux, foi sendo construída e reconstruída a partir de diálogos teóricos travados com os pensamentos de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault a partir de diferentes interpretações de cada um a respeito das teorias de Saussure, Marx e Freud, a respeito da língua, da História e do sujeito.

Totalmente identificada com o marxismo e a psicanálise, essa proposta teve, no primeiro momento, o discurso político como objeto privilegiado de estudo. Os diálogos entre os *três Michéis* envolveram diferentes respostas à articulação entre teorias linguísticas, teorias do sujeito, teorias da história e da sociedade (GREGOLIN, 2006).

As aproximações e distanciamentos em relação a esse arcabouço teórico determinaram a arquitetura do projeto da AD francesa, que passou, como Pêcheux (1997) admite, por três épocas que revelam as retificações operadas em sua constituição.

Enquanto Pêcheux e Foucault viveram intensamente as lutas políticas na França entre 1960 e 1980, Bakhtin produziu sua obra teórica em outro tempo e outro espaço, por isso, segundo Gregolin (2006) ele participa da AD como “um outro, uma leitura, uma interpretação”. Sua ampla obra produzida a partir de 1920 só teve repercussão na França na década de 1960, e apresenta uma concepção de linguagem, diferente da proposta pela lingüística estruturalista, que incluía a história e o sujeito.

Pêcheux faz a leitura de Saussure questionando o objeto da linguística – a *langue* – como sistema abstrato, para propor o novo objeto – o discurso. Trata-se de uma leitura diferente daquela feita por Bakhtin, que concebe a língua como objeto concreto, considerando por isso também a fala. São duas leituras que se dão em momentos históricos diferentes e por isso produzem diferentes efeitos de sentido.

Ao considerar que não há um corte entre a língua e o discurso, o linguista francês não concorda com as críticas de Bakhtin ao “objetivismo abstrato” de Saussure. Esse é o primeiro ponto de sua recusa às teses bakhtinianas. A segunda recusa é quanto à inserção bakhtiniana em concepções “marxistas” que, para Pêcheux, pertencem ao “sociologismo” e ao “humanismo teórico”. Trata-se da recusa ao modelo bakhtiniano de interindividualidade, que se fundamenta na idéia de interação sociocomunicativa (GREGOLIN, 2006, p. 37).

As distâncias temporais e espaciais entre esses teóricos explicam as recusas de Pêcheux à teoria de Bakhtin. Mas as transformações políticas ocorridas na França entre 1960 e 1980, com o enfraquecimento das idéias marxistas, colaboraram para a revisão do projeto peuchetiano. A incorporação, no plano teórico, da noção e heterogeneidade trazida do linguista russo por Authier-Revuz, mudaram consideravelmente os rumos da AD.

O projeto peuchetiano de AD, no início fortemente marcado pelas teses althusserianas, entre 1969 e 1975, caracteriza-se por uma época de recusas, tanto às idéias de Bakhtin, quanto às de Foucault. A partir de 1976, ao rever suas posições tanto políticas como teóricas, Pêcheux passa a incorporar contribuições das propostas foucaultianas e bakhtinianas, embora em um processo conflituoso, de idas e vindas, mas que abriram diversas perspectivas para a análise de discursos.

Pêcheux revê o conceito de sujeito e passa a considerá-lo não mais como interpelado por uma ideologia, mas por várias ideologias. O sujeito torna-se heterogêneo (AUTHIER-REVUZ, 1990), ou seja, várias vozes, vários discursos manifestam-se na sua fala.

Assim, também no âmbito do discurso, ao ser colocado à luz do conceito de heterogeneidade, surge a preocupação com as relações do intradiscurso³ e o interdiscurso⁴.

A formação discursiva deixa de referir-se a um exterior ideológico, passando a refletir a dispersão dos lugares enunciativos do sujeito.

³ A ideia de alteridade implica “a presença do discurso do outro como discurso de um outro e/ou discurso do Outro” (GREGOLIN, 2004, p. 157).

⁴ Courtine (apud ORLANDI, 2005, p. 32-33) explica a diferença entre o intradiscurso e o interdiscurso. Segundo ele, este representa um eixo vertical onde “teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível”; e aquele, um eixo horizontal, “que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”.

Foucault não tinha como projeto, no primeiro momento, construir uma teoria da análise do discurso. Ao fazer suas leituras de Nietzsche, Marx e Freud, demonstra uma preocupação maior com os problemas da História e da Filosofia, ao contrário de Pêcheux, que se aproximou mais da Linguística. Suas temáticas eram mais amplas e envolviam as relações entre os saberes e os poderes na história da sociedade ocidental, cuja investigação abriu-se em várias direções.

O conceito central de formação discursiva, na AD foi pensado por Foucault como um dispositivo metodológico para a análise arqueológica dos discursos, ao buscar entender a história dos saberes, ou o surgimento das ciências humanas. Deslocado por Pêcheux para a AD, primeiramente este lhe dá uma interpretação que fortalece os aspectos linguísticos, por considerar que falta isso a Foucault, e a insere dentro das proposições althusserianas sobre as lutas de classes. Isso devido à discordância fundamental de Foucault das teses centrais de Althusser: aos aparelhos ideológicos, a centralidade do poder do Estado, a interpelação ideológica, o assujeitamento, a luta de classes. São críticas que se ligam à teoria linguística e à interpretação das teses marxistas (GREGOLIN, 2006).

Ao contrário, o conceito de enunciado é longamente tecido junto à noção de língua, em *A arqueologia do saber*, em que Foucault mostra que o que torna uma frase, uma proposição, um ato de fala em um enunciado, é a função enunciativa, isto é, o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e que possibilitam que ele seja enunciado (GREGOLIN, 2006).

Ao estudar a objetivação do sujeito naquilo que designa de “práticas divergentes”, em que o sujeito pode ser dividido no interior dele mesmo ou separado dos outros por meio de técnicas disciplinares, Foucault empreende a “genealogia do poder”, ou seja, a análise da articulação entre os saberes e os poderes. Deriva dessas análises a idéia de que o poder se pulveriza na sociedade em inúmeros micro-poderes, de onde surge a visão da “*microfísica do poder*”. Sua atenção se voltará para as práticas de poder, para os dispositivos do poder nas “sociedades disciplinares”, como as instituições que controlam os corpos nas prisões, nas fábricas, nas escolas etc (GREGOLIN, 2006).

Essas análises de Foucault realizam um importante deslocamento em relação à idéia de “aparelhos ideológicos de Estado” ao considerar que não há uma

relação direta entre poder e Estado, mas o poder se manifesta em uma articulação de poderes locais, específicos, circunscritos a uma área de ação, a “instituição”. Os micropoderes são formas de exercício do poder, diferentes do Estado, a ele articulados de maneiras variadas e atinge os indivíduos em seus corpos e penetra no seu cotidiano. Os saberes sobre o criminoso, a sexualidade, a doença, a loucura produzem poderes moleculares que se disseminam por toda a estrutura social.

A teoria foucaultiana da *microfísica do poder* vai de encontro às teses althusserianas, por isso ele é acusado pelo grupo peuchetiano de praticar um “marxismo paralelo” (GREGOLIN, 2006).

Apoiado nessas reflexões, Foucault pensa o “sujeito” como fabricado, construído, historicamente, pelas práticas discursivas; ele é o resultado dessa fabricação que se realiza por meio de dispositivos e técnicas disciplinares.

Ao relacionar os posicionamentos teóricos desse filósofo com a construção do projeto da AD, e suas negativas, Gregolin (2006, p. 45) pondera que:

se o objetivo fundamental de Foucault é ‘*produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura*’ e, se essa história é constituída pelo discurso, a relação entre linguagem, história e sociedade está na base de suas reflexões.

As retificações operadas na constituição do campo teórico em torno da articulação entre a língua, o sujeito e a sociedade no decorrer das “três épocas da AD” trouxeram mudanças para as noções de sujeito, de discurso, de formações discursivas e incorporaram, entre outras, as de acontecimento, arquivo e práticas discursivas. Nessa revisão teórico-metodológica, que aproxima Pêcheux, Bakhtin e Foucault, passam a ser tematizadas as noções de heterogeneidade, alteridade e as relações entre intradiscurso e interdiscurso (GREGOLIN, 2006).

É importante salientar que, apesar das diferenças teóricas, observamos pontos de convergência, entre esses teóricos, sendo o principal deles o conceito de sujeito heterogêneo, constituído por meio da e na linguagem.

Consideramos, para este trabalho, a noção de sujeito de Pêcheux sempre interpelado por várias ideologias, heterogêneo e disperso que, ao ocupar diferentes posições dentro do discurso, não controla os “efeitos de sentido” de seu dizer. Por outro lado, é de extrema importância aliar a essa visão o conceito de sujeito para Foucault, para quem o sujeito não é algo dado, mas que se constrói

constantemente por suas práticas discursivas, sociais, em relação com o outro, portanto, historicamente construído ou produzido no entrecruzamento do discurso, da sociedade e da história.

1.3 Sujeito, Identidade: práticas discursivas e identitárias, técnicas de si

A dispersão do sujeito discursivo

A questão da subjetividade na linguagem nem sempre constou dos estudos da linguagem. Na epistemologia clássica, a língua tinha como função representar o real, na medida em que considerava verdadeiro um enunciado que correspondesse a um certo estado de coisas. Nessa perspectiva não havia espaço para a subjetividade.

Uma nova maneira de ver a língua, apreendendo sua função “demonstrativa”, cuja função primordial são os demonstrativos como os pronomes, surge na episteme moderna. É nessa perspectiva que se insere Benveniste que, ao colocar o *eu* em relação com o *tu*, prenuncia o caráter interacional da linguagem, apresentando a figura do locutor e a questão da subjetividade. Para este linguista: “É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como sujeito” (1966, *apud* Brandão, 1995, p. 48). Com essa perspectiva, Benveniste reincorporou aos estudos linguísticos a noção de subjetividade, que não era realidade na vertente estruturalista. A noção tem ocupado um amplo espaço nas discussões linguísticas contemporâneas.

Apesar de sua grande contribuição para a Linguística, a teoria benvenistiana é criticada ao afirmar que a subjetividade se constrói à medida que se tem capacidade de dizer “eu”. O sujeito em Benveniste, porém, se caracteriza pela homogeneidade. Segundo Brandão (1995, p. 49), a crítica se torna coerente porque a subjetividade “é inerente a toda linguagem e sua constituição se dá mesmo quando não se enuncia de um ‘eu’”. Os discursos científicos, por exemplo, utilizam formas indeterminadas para proceder à impessoalidade a fim de objetivar algum

fato. É uma estratégia de mascaramento que constitui uma outra forma de subjetividade.

A esse respeito, Foucault (2000, p. 104) observa que:

Não é preciso, na verdade, reduzir o sujeito do enunciado aos elementos gramaticais da primeira pessoa que estão presentes no interior da frase: inicialmente, porque o sujeito do enunciado não está dentro do sintagma linguístico; em seguida, porque um enunciado que não comporta primeira pessoa tem, ainda assim, um sujeito; enfim e sobretudo, todos os enunciados que têm uma forma gramatical fixa (quer seja em primeira ou em segunda pessoa) não tem um único e mesmo tipo de relação com o sujeito do enunciado.

Considerando a noção de subjetividade acima, a AD desloca o centro das relações entre os interlocutores para o espaço discursivo criado entre ambos, passa a considerar o sujeito como disperso, já que pode ocupar várias posições no discurso, e heterogêneo, pois só se constitui como sujeito na interação com o outro.

Duas ideias básicas norteiam essa concepção de sujeito: em primeiro lugar a ideia de que o sentido, assim como o sujeito, não é dado a priori, mas constituído no e pelo discurso. Em segundo lugar, a ideia do descentramento do sujeito que, embora fundamental, pois não existe discurso sem sujeito, perde sua essencialidade ao integrar-se no funcionamento dos enunciados. Nessa concepção, não há centro para a o sujeito, fora da ilusão e do “fantasma”. Segundo Brandão (1995, p. 56), esta ilusão, designada por Freud como a “função do desconhecimento do eu” é uma tendência necessária e normal para o sujeito. É próprio da constituição do sujeito a função que o eu assume de manter a ilusão de um centro.

O quadro epistemológico da AD, atravessado por uma teoria da subjetividade de cunho psicanalítico, centra sua problemática nos sistemas de representação do sujeito, em que a ideologia e o inconsciente estão materialmente ligados e atuam de maneira análoga na formação do sujeito e na constituição do sentido.

A teoria não-subjetiva da enunciação proposta por Pêcheux, em linhas gerais, consiste no que o teórico chama de forma-sujeito, ou seja, a identificação do sujeito do discurso com a formação discursiva que o domina e constitui. Em outras palavras, a forma-sujeito é o sujeito que passa pela interpelação ideológica ou ainda, o sujeito afetado pela ideologia.

A teoria dos dois esquecimentos, de Pêcheux, propõe que o sujeito, acometido por dois tipos de esquecimento, cria uma realidade discursiva ilusória. O

esquecimento número um, por sua natureza inconsciente e ideológica, dá ao sujeito a ilusão de ser fonte exclusiva do sentido de seu discurso. O esquecimento número dois, de natureza pré-consciente ou consciente, dá ao sujeito a ilusão de que seu discurso reflete o conhecimento objetivo que tem da realidade. O sujeito é capaz de retomar seu discurso para explicitar a si mesmo o que diz, para formulá-lo mais adequadamente. Ele seleciona o que deve ser dito e o que não deve ser dito. Tal esquecimento constitui o ponto de articulação entre a lingüística e a teoria do discurso (BRANDÃO, 1995).

Essa concepção de um sujeito marcado pela idéia de unidade, de centro e origem do sentido, segundo Brandão (1995, p. 66), constitui uma “ilusão necessária” na construção do sujeito. Apesar de necessária, a concepção é criticada pela Análise do Discurso que retoma a noção de dispersão do sujeito, proposta por Foucault.

Foucault (2000, p. 107) fala dessa dispersão ao descrever a função enunciativa do sujeito como “vazia” que pode ser preenchida por diferentes “posições” e diferentes sujeitos, no excerto:

[...] o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos.

Essa afirmação nos aponta que, ao analisar um discurso, mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual, não estaremos diante da manifestação de *um* sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade. Isso porque o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem do sentido, ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque por meio dele outros ditos se dizem. Assim, para Foucault (2000, p. 109):

Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.

Segundo Fischer (2001, p. 207), depois de Marx, não nos atrevemos a questionar que o homem é inconcebível fora das relações sociais que o constituem. Quando Bakhtin fez a tradução desse postulado, trouxe, entre outros, o conceito de polifonia, de diálogo, no qual fica entendido que há inúmeras vozes falando num mesmo discurso, seja porque o destinatário está ali também presente, seja porque aquele discurso se refere a muitos outros. Esse duplo cruzamento constituiria, nesse caso, a polifonia discursiva. A autora acrescenta que, certamente essa descentração do sujeito, implícita na teoria marxista, pertence à mesma episteme, dentro da qual se desenvolveu a psicanálise e a esse respeito observa que:

o discurso do sujeito, para Freud, estaria sempre marcado pelo seu avesso, no caso, o inconsciente. Dividido, quebrado, descentrado, o sujeito se definiria por um inevitável embate com o outro que o habita. E, permanentemente, viveria a busca ilusória de tornar-se um. A linguagem seria a manifestação dessa busca, lugar em que o homem imagina constituir e expor sua própria unidade.

Foucault traça um caminho diferente para a compreensão do sujeito na relação entre *eu* e o *Outro*, nos discursos. Afasta-se do espaço em que se relacionam sujeitos individuais e invade o espaço de uma relação mais ampla, baseada na noção de dispersão do sujeito. Fischer (2001, p. 208), comenta esse aspecto do pensamento do filósofo, “a heterogeneidade discursiva está diretamente ligada a essa dispersão, já que nos discursos sempre se fala de algum lugar, o qual não permanece idêntico: falo e, ao mesmo tempo, sou falado [...]”.

Para o analista do discurso, Foucault aponta as perguntas que ele deve fazer para desvendá-lo. Fischer (2001, p. 208) diz que o autor “multiplica o sujeito”. A pergunta “quem fala?” desdobra-se em muitas outras: qual o *status* do enunciador? Qual a sua competência? Em que campo de saber se insere? Qual seu lugar institucional? Como seu papel se constitui juridicamente? Como se relaciona hierarquicamente com outros poderes além do seu? Como é realizada sua relação com outros indivíduos no espaço ocupado por ele. Também cabe indagar sobre o “lugar de onde fala”, o lugar específico no interior de uma dada instituição, a fonte do discurso daquele falante, e sobre a sua efetiva “posição de sujeito” suas ações concretas, basicamente como sujeito incitador e produtor de saberes.

Pensamos ter registrado, neste item do trabalho, aspectos do conceito de dispersão do sujeito, imprescindíveis para a análise do corpus. Podemos entender, com Foucault, que:

o discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (Foucault, 2000, p.61-2).

Práticas discursivas e identitárias

A conceituação de discurso em Foucault nos orienta para considerá-lo uma prática social. Podemos entender que essas práticas sociais discursivas moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele. Ainda que elas dependam da nossa vontade, essa não é suficiente para gerá-las ou de fazê-las funcionar. Uma prática discursiva não é somente um ato de fala, não é uma ação concreta e individual de pronunciar discursos, mas é todo um conjunto de produção de enunciados. As práticas discursivas são, de acordo com Foucault (2000, p. 136):

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa.

Na definição acima, Foucault fala de um conjunto de “regras”, próprias da prática discursiva e propõe não mais tratar os discursos como conjunto de signos, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam e aponta ao analista que é preciso fazer aparecerem essas regras que o regem:

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (Foucault, 2000, p.56)

Os atos enunciativos, os atos de fala, já dissemos, inscrevem-se no interior de algumas formações discursivas e de acordo com um certo “regime de

verdade”. Isso significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo. As "coisas ditas", portanto, na perspectiva de Foucault, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. Exercer uma prática discursiva significa, portanto, falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso.

É nesse sentido que Fischer (2001, p. 200) afirma que “na verdade, tudo é prática em Foucault”. A autora observa que tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja, “enunciados e visibilidades, textos e instituições; falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam”.

Por meio da noção de discurso enquanto prática podemos analisar ‘quem fala’, ‘o lugar da fala’ e ‘a posição de quem fala’ a fim de melhor entender a constituição do sujeito neste trabalho, procuraremos entender como se constitui o sujeito professor-blogueiro em um novo espaço tecnológico. Inserido em um complexo de formações discursivas interligadas, esse sujeito, ao assumir uma determinada posição, acaba por inscrever-se em uma delas, estabelecendo, assim, uma relação de identidade. Sabemos que também para Pêcheux (1998), a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito.

Foucault (2000) traz à centralidade a relação entre práticas discursivas e a produção histórica dos sentidos com o intuito de definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras:

Nesse sentido, o discurso ultrapassa a simples referência a “coisas”, existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera “expressão” de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. As regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (FOUCAULT, 2000, p. 70).

O sentido do discurso é tomado em sua dimensão de acontecimento: cada palavra, cada texto, por mais que se aproxime de outras palavras e textos, nunca são idênticos aos que o precedem, trata-se de investigar “porque determinado enunciado apareceu e nenhum outro em seu lugar”, isto é, porque tal enunciado é um acontecimento na ordem do saber.

Foucault entende as práticas discursivas como objetos de luta, salientando que elas determinam que nem tudo pode ser dito, ou seja, os discursos são regulados por e submetidos a uma ordem discursiva:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2006 a, p.8)

Em *A ordem do discurso* (2006a), Foucault analisa os mecanismos que possibilitam o controle dos discursos definindo práticas que determinam o que dizer, quem pode dizer, de que posição pode dizer, em que circunstância pode dizer, etc.

Tudo se passa como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso. De modo que a riqueza fosse aliviada de sua parte mais perigosa e que sua desordem fosse organizada segundo figuras que esquivassem o mais intolerável. [...] Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras mas segundo um perfil de facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados (FOUCAULT, 2006a p. 50).

As práticas de escrita de si

Foucault (1995, p. 231-249) observa três modos de subjetivação que transformaram os seres humanos em sujeitos: a objetivação de um sujeito no campo dos saberes, trabalhada na *arqueologia*, a objetivação de um sujeito nas práticas do poder que divide e classifica, trabalhada na *genealogia* e a subjetivação de um indivíduo que pensa sobre si mesmo, trabalhada na *ética*. Isso permite-nos entender que tornamo-nos sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros nos aplicam e que aplicamos sobre nós mesmos.

Neste trabalho, vamos enfatizar o terceiro modo, de subjetivação, de que fala Foucault, ou seja, a subjetivação de um indivíduo que trabalha e pensa sobre si mesmo, mais precisamente o que ele denomina de 'técnicas de si'.

Ao esboçar uma história das diferentes maneiras nas quais os homens, em nossa cultura, elaboram um saber sobre eles mesmos - a economia, a biologia, a psiquiatria, a medicina e a criminologia, Foucault (1994) argumenta que essencial não é tomar esse saber e nele acreditar piamente. O mais importante, nesse caso, é analisar essas pretensas ciências como outros tantos "jogos de verdade", que são colocadas como técnicas específicas, dos quais os homens se utilizam para compreenderem aquilo que são.

Desde o século V a.C, na filosofia greco-romana, o tema de "si" já era tratado entre os homens. O "cuidado de si" (*epimeleia heautou*) era designado como regra de conduta da vida social e pessoal e fundamento da arte de viver; e o conhecimento de si - "conhece-te a ti mesmo" (*gnôthi seauton*) - funcionava como um princípio délfico, sendo o objeto da busca do cuidado de si (FOUCAULT, 1994).

O filósofo descreve e problematiza as técnicas antigas que se estabeleciam não apenas entre o discípulo e o mestre, como também aquelas em que cada um se relaciona consigo mesmo. Trata-se de um conjunto de tecnologias que podem ser agrupadas em quatro tipos:

1) **tecnologias de produção**, que nos permitem produzir, transformar ou manipular as coisas; 2) **tecnologias de sistemas de signos**, que nos permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significados; 3) **tecnologias de poder**, que determinam a conduta dos indivíduos, submetem-nos a certos tipos de fins ou de dominação, e consistem numa objetivação do sujeito; 4) **tecnologias do eu**, que permitem que os indivíduos efetuem, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta ou qualquer forma de ser, obtendo, assim, uma transformação de si mesmos, com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (FOUCAULT, 1994, p. 2).

Essas técnicas são procedimentos que, para o autor, "existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças às relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si" (FOUCAULT, 1997, p.109)

Foram muitas as maneiras encontradas pelos povos de “cuidado” e “técnica de si” que funcionaram como condição indispensável para adquirir a verdade. Podemos citar a escrita dos *hupomnêmata* e das correspondências entre os greco-romanos; a cultura do silêncio aliada à arte da escuta, à meditação e à abstinência entre os estóicos; a interpretação dos sonhos e o exame de consciência ligado à purificação entre os pitagóricos; a confissão dentro da espiritualidade cristã, entre outras.

Os *hupomnêmata*, em princípio seriam livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam de lembrete. Para o público culto da Antiga Grécia, passaram a ser livros de vida, guias de conduta, porque ali anotavam-se citações, fragmentos de obras, exemplos e ações que foram testemunhadas, reflexões e pensamentos que, pelo fato de serem anotados, escritos para si mesmo, ou para um outro, eram oferecidas como um tesouro acumulado para leitura e meditação. Eles constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas (FOUCAULT, 2006b).

No movimento de captar o já-dito, lido ou ouvido, por meio da citação, o uso dos *hupomnêmata* tornaram-se uma técnica orientada para o cuidado de si com objetivos definidos como recolher-se em si, atingir a si mesmo, viver consigo mesmo, bastar-se a si mesmo, aproveitar e gozar de si mesmo.

O objetivo dos *hupomnêmata* é fazer do recolhimento do conhecimento do lógos fragmentário e transmitido pelo ensino, pela escuta, ou pela leitura um meio para o estabelecimento de uma relação de si para consigo mesmo tão adequada e perfeita quanto possível. Trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, “mas de captar o já-dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2006b, p. 149).

A escrita de si dos greco-romanos era endereçada aos mestres; mais tarde, a escrita de si dos cristãos, passaram a ser endereçadas aos sacerdotes. No primeiro caso, o mestre representava um administrador racional dos conflitos do “eu”, alguém que avaliava as faltas comuns e reativava as regras de conduta que era preciso ter presentes no espírito. Já no segundo caso, o sacerdote configurava-se como um julgador, ou seja, aquele que podia dar a penitência e aliviar as culpas.

Neste trabalho, levanta-se a hipótese de que o *blog* funciona como um

novo *hupomnêmata*, um caderno virtual de anotações sobre si, para pessoas, internautas, ou como profissionais da educação.

Para Bauman (2001) a noção de identidade na contemporaneidade está ligada à globalização, pois na modernidade líquida⁵, não há como ter uma única identidade, muda-se de acordo com a situação. A identidade estaria em construção e reconstrução a todo momento. Para construir uma identidade seria necessário levar em conta as decisões que o próprio indivíduo toma, como ele decide e põe em prática tal decisão. O maior dilema do homem moderno seria ter de se tornar um indivíduo com uma identidade própria e ao mesmo tempo pertencer a um grupo. Isso o torna confuso e angustiado, pois é impossível pertencer ao grupo e, ao mesmo tempo, constituir-se em um ser individual (BAUMAN, 2001).

Contemporaneamente, são diversas as “técnicas de si” à disposição do homem e da mulher, que permitem buscar uma identidade, a constituição do sujeito. O *orkut*, as salas de bate-papo, os *second life*, os *weblogs* - que constituem nosso *corpus* de análise-, são umas delas.

É pertinente observar que, para que descobrir como um indivíduo fixou sua identidade, é preciso observar sua maneira de ser, suas atitudes e suas reflexões sobre os modos de vida, sobre as escolhas de existência e sobre o modo de regular sua conduta e de determinar para si mesmo fins e meios, enfim, suas práticas.

Acreditamos que por meio deste corpus teórico é possível, identificar e demonstrar o movimento e as relações dos discursos que circulam nos *blogs* educacionais, bem como as práticas discursivas e identitárias do professor-blogueiro.

⁵ Bauman (2001) usa o termo “modernidade líquida” para metaforizar a contemporaneidade. O termo representa a condição de vida da atualidade: fluidez, falta de fixidez no espaço ocupado, mobilidade e capacidade de movimentos.

2 INTERNET, EDUCAÇÃO, DISCURSOS E IDENTIDADE

O discurso sobre as novas tecnologias como recurso pedagógico, em geral, não condiz com a realidade. Ampliar o acesso de uma sociedade aos seus meios tecnológicos, é algo que só poderá acontecer se forem superados o mero ato de transmissão da informação, por uma atualização conjunta de significações.

Se as novas tecnologias se sobrepõem aos cidadãos, desconhecendo que determinados espaços concretos nem sempre são favoráveis à sua implantação, sem que haja um processo gradual e contínuo de modificação do ambiente e de uma dada cultura, poderá ocorrer um distanciamento entre a realidade e as possibilidades de apropriação e transformação da informação para a (re)constituição do sujeito social.

Este capítulo, além de realizar um breve histórico da Internet como tecnologia da contemporaneidade, apresenta a concepção de identidade em que se baseia este estudo e pontua alguns discursos sobre a inclusão digital numa perspectiva não ufanista no trato com as novas tecnologias.

2.1 Breve histórico do advento da Internet

Da antiguidade à contemporaneidade, o homem vem alterando a forma como é criada e transmitida a informação. Desde o advento da imprensa, por Gutemberg no século XV, passando pela invenção do telégrafo, que interligou os cantos mais remotos do mundo por meio de uma comunicação mais rápida, o “estilo de vida elétrico” identificou gerações condicionadas ao uso revolucionário da eletricidade através do telefone, do rádio e da televisão. Esses novos meios transformaram a economia e o estilo de vida ocidental, inquestionável. Sempre houve resistência em relação as novas tecnologias. Mas, foi no final do século XX, com o surgimento e desenvolvimento da Internet, que uma verdadeira revolução tecnológica teve início, provocando profundas alterações na configuração da realidade mundial. As mudanças das práticas culturais, a democratização da informação e a consequente

descentralização da economia são apontadas como as principais características dessa revolução.

As tecnologias da informação surgiram devido aos avanços industriais, que absorveram e aplicaram os conhecimentos científicos, até então limitados à teoria, para desenvolver formas mais eficientes de produzir e transmitir informações. Segundo Castells (2000), foi a utilização dos conhecimentos e das informações conquistados e reunidos ao longo das revoluções tecnológicas anteriores para a criação de novos conhecimentos e de dispositivos de processamento e transmissão de informações, que deu a base para a atual revolução tecnológica, “em um ciclo de realimentação acumulativa entre a inovação e o seu uso” (CASTELLS, 2000, p.51).

O invento e a difusão da televisão determinaram o modelo das novas tecnologias da informação, ao dar início a um processo evolutivo de transmissão de informações que culminou no cenário tecnológico que conhecemos hoje. Da mesma forma que, atualmente, a televisão e os demais segmentos da mídia estão se reestruturando, em termos de linguagem, formato e produção, para se adequar ao ritmo e ao contexto que a Internet impõe, no passado, o cinema bem como o rádio e os impressos também tiveram que se adaptar, pelos mesmos motivos, à televisão (CASTELLS, 2000).

O aparecimento de tecnologias que propiciaram a utilização e integração de recursos de comunicação, telecomunicação, elétricos, eletrônicos e microeletrônicos, levou o mundo à era digital que se vive hoje.

No final da década de 1950, que o caminho para o nascimento da atual revolução tecnológica foi sendo moldado, quando, após o lançamento do *Sputnik*⁶, pela União Soviética, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos fundou, em 1958, a Agência de Pesquisa e Projetos Avançados (ARPA). O objetivo era alcançar a superioridade tecnológica militar mobilizando recursos de pesquisa, em especial da produção universitária (CASTELLS, 2003).

⁶ Primeiro satélite artificial da Terra, construído e lançado pela antiga União Soviética, em 4 de outubro de 1957.

A Arpanet foi criada com a finalidade de atender a esse objetivo, como uma rede para conectar os principais sistemas de computador de uma dezena de universidades financiadas pela ARPA (*Advanced Research Projects Agency* do Departamento de Defesa dos Estados Unidos) e por instituições de pesquisa. Um de seus objetivos principais era permitir que vários usuários enviassem e recebessem informações simultaneamente sobre um mesmo caminho de comunicação. A rede era projetada para operar sem controle centralizado. Se uma parte falhasse, as partes funcionais restantes ainda iriam encaminhar os pacotes dos remetentes aos destinatários através de caminhos alternativos.

Com a disseminação do uso de redes de comunicação nas grandes organizações, houve a necessidade de interligar estas redes à ARPA, através da criação do protocolo IP – *Internetworking Protocol*, que possibilitou a comunicação das redes, ou seja a Internet. Este potencial foi rapidamente percebido pelas empresas que iniciaram uma corrida para desenvolver novos e melhores serviços e produtos.

A popularização da computação pessoal, em 1977, pela *Apple Computer*, veio em consequência desses eventos tecnológicos; os computadores tornaram-se econômicos o bastante para que as pessoas os comprassem. Em 1981, a IBM, maior fornecedora de computadores do mundo, lançou o *IBM Personal Computer*, popularizando o uso dos computadores nos níveis das organizações comerciais, indústrias e governamentais em uma parceria com a Microsoft, empresa idealizadora do Windows.

A Microsoft iniciou o desenvolvimento de um Gerenciador de Interface, subsequentemente renomeado *Microsoft Windows*⁷, em setembro de 1981. O Windows só foi tecnicamente considerado como um Sistema Operacional a partir da versão *Windows NT*, lançada em Agosto de 1993.

No início da década de 1990, porém, a Arpanet já se encontrava obsoleta e, ultrapassada por outras redes mundiais de informação acessíveis pela Internet em funcionamento, por isso foi retirada de operação. Justamente nesse período, final da década de 1980, a *World Wide Web* começou a ser desenvolvida por Tim Berners-Lee,

⁷*Microsoft Windows* é uma popular família de sistemas operacionais criados pela Microsoft, empresa fundada por Bill Gattes e Paul Allen. O Windows é um produto comercial, o sistema operacional mais usado do mundo.

que trabalhava em um laboratório europeu para a Física de Partículas (CERN). Mas somente em 1993, a Internet conseguiria se desenvolver de maneira excepcional, a partir da criação do *Mosaic*, que foi o primeiro programa a habilitar o usuário de Internet a interagir com as informações disponíveis na *World Wide Web*.

A *World Wide Web* (www) permite aos usuários de computadores localizarem e visualizarem documentos em multimídia, isto é, documentos com texto, imagens gráficas, animações, áudios e vídeos, sobre qualquer assunto. A *WWW* consiste num conjunto de tecnologias e protocolos de comunicação que tornam a Internet multimídia e universalmente acessível por viabilizar a interação com as redes que formam a base, o *backbone* da *Web*, ou seja, a estrutura física que suporta o maior tráfego de informações, também metaforizado como “espinha dorsal” da *web*. O *backbone*⁸ faz a transição entre a rede construída de roteadores⁹ da comunidade de pesquisa para equipamentos comerciais.

Antes disso, Internet era apenas um meio de troca de informações utilizado basicamente por estudantes ou pesquisadores que buscavam ou trocavam informações. Por possuir uma interface muito simples e nenhuma imagem, ela era um meio pouco atraente às pessoas que não eram ligadas à área. Embora a *WWW* tenha sido desenvolvida em 1989, foi somente em 1992 que o projeto começou a ter uma aparência mais próxima do que conhecemos hoje.

Os avanços do conhecimento científico geraram altos índices de desemprego dentro das indústrias, pois a mão-de-obra humana foi substituída por máquinas, que desempenhavam as mesmas funções em menos tempo e a custos menores. O fato fez com que a mão-de-obra migrasse para serviços terceirizados, onde eram necessários mais estudos e conhecimentos mais aprofundados sobre as novas tecnologias.

Uma série de equipamentos que utilizavam tecnologias digitais e de comunicação em redes foi desenvolvida a partir do início da década de 1990, o que permitiu a captação, transmissão e distribuição das informações em texto, imagem

⁸ Todos os *backbones* existentes em um país são mantidos por agências governamentais ou por entidades privadas, como faculdades e centro de pesquisas.

⁹ Roteador é um equipamento usado para fazer a comutação de protocolos, a comunicação entre diferentes redes de computadores provendo a comunicação entre computadores distantes entre si.

estática, vídeo e som. Começaram a surgir no mercado aparelhos como telefones celulares, câmeras de vídeo e foto para computador e para a própria Internet, propiciando um contexto favorável para que as TIC se consolidassem.

Instaurado o cenário dos processos empresariais e tecnológicos que impulsionam o desenvolvimento e inclusão do mundo na conectividade, na velocidade e na interatividade, temos na Internet o meio aglutinador que, segundo Gattes (1998, p. 11), cria um espaço universal novo para o compartilhamento de informações a colaboração e o comércio. O autor conceitua a Internet da seguinte forma:

A Internet é uma infra-estrutura mundial de comunicação que depende da eletricidade, pode-se dizer que sua aceitação geral é uma extensão do “estilo de vida elétrico”. Mas a Internet está possibilitando um novo modo de vida, que chamo de “estilo de vida *web*”. Tal como o elétrico, ele se caracteriza por inovações rápidas em aplicações (GATTES, 1998, p.122).

Com o surgimento da Internet, o mundo observou o nascimento de um novo meio de transmissão e aquisição de dados – bem diferente das mídias tradicionais – com contornos próprios e infinitas possibilidades quanto à produção, edição, difusão, obtenção e armazenamento de informações.

As barreiras geográficas foram vencidas e aproximações culturais vão sendo criadas, apesar das diferenças econômicas entre países e entre indivíduos de uma mesma sociedade.

O estilo de vida *web*, caracterizado por novas formas de pensar, de agir e de comunicar-se vai se delineando nos hábitos corriqueiros. Alterações no cotidiano, mediadas por múltiplas e cada vez mais sofisticadas tecnologias, permitem que os espaços de relações entre as pessoas sejam mediatizados. Lévy (1999), numa análise das mutações contemporâneas, traz para o debate a velocidade do surgimento e renovação das informações, dos dados e das redes que se criam e interconectam. Para o autor, os contatos transversais entre indivíduos proliferam de forma anárquica, produzindo guerra de imagens, propagandas e contrapropagandas.

As distâncias que a Internet e outras tecnologias aproximam, em novas combinações de espaço e tempo, muitas vezes concorrem para que algumas necessidades sejam criadas e se assemelhem, em diferentes partes do mundo. Essas

novas características temporais e espaciais, que resultam de uma compressão de distâncias e de escalas temporais, segundo Hall (2002, p.62), “estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais”.

As apropriações e os usos das tecnologias de informação e comunicação, chamadas no meio educacional de TIC, produzem a sensação da descoberta de algo novo e libertador, tudo porque fazemos parte destas transformações. Um teclar, impulso, que antes era medido, pensado, avaliado, hoje pulsa junto com milhares de milhões que transitam nos cabos de fibra ótica. Novas formas de poder vão sendo estabelecidas nesta dinâmica de comunicação. Com isso, novos modos de pensar, ler o mundo, gerar conhecimento e também de conduzir o processo ensino-aprendizagem.

Segundo Castells (2003), a Internet possibilitou que comunidades responsáveis pelos conhecimentos em tecnologia surgissem com expressão também no ambiente virtual, norteadas formas e maneiras de uso deste ambiente, onde a liberdade de expressão é um dos valores gerais defendidos desde as primeiras etapas da comunicação *on-line*.

Analisar o papel que a cibercultura¹⁰ tem desempenhado na constituição do sujeito contemporâneo implica não somente tentar entender um pouco das características técnicas dos meios, mas buscar compreender as condições de produção dos discursos que circulam na cibermídia, mais especificamente, nos espaços culturais e educativos.

2.2 A Identidade na cibermídia

A internet, como uma das novas tecnologias da informação e da comunicação colabora sensivelmente para integrar e conectar comunidades e organizações em novas combinações de espaço e tempo, o que tem intensificado o processo de globalização. As novas características temporais e espaciais, que resultam de uma compressão de distâncias e de escalas temporais, segundo Hall (2002, p.62),

¹⁰ Podemos pensar a cibercultura e a cibermídia como um espaço de práticas discursivas e subjetivas que (re) constroem os saberes e os poderes contemporâneos (OLIVEIRA, 2007).

“estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais”. Para o autor, diferentemente das sociedades tradicionais, que veneravam e perpetuavam o passado a cada geração, a modernidade tardia, ou pós-modernidade caracteriza-se pela constante mudança que produz muitos rompimentos ou “deslocamentos”. Hall se reporta a três pensadores: Giddens, Harvey e Laclau que, embora com leituras diferentes sobre a natureza das mudanças no mundo pós-moderno, enfatizam a “descontinuidade, a fragmentação, a ruptura e o deslocamento” (HALL, 2002, p.18).

Para Giddens (1994), o contato entre pessoas de culturas diferentes, ainda que mediatizado, ao mesmo tempo que as distancia de seu mundo local, fornece-lhes novos parâmetros para compreender seu contexto. Harvey (1989) vê a modernidade como “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, e “caracterizada por um processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior”. Conforme Laclau (1990) uma estrutura “deslocada” seria aquela cujo centro desaparece e não é substituído por um outro, mas por uma “pluralidade de centros de poder”. As sociedades da modernidade, para ele, são caracterizadas pela “diferença”: elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais, que produzem uma variedade de “posições de sujeito” – isto é, identidades - para os indivíduos (*apud* HALL, 2002, p. 6 -17).

O sociólogo Bauman, ao se referir à realidade ambígua e multiforme em que se vive contemporaneamente, usa a expressão "modernidade líquida" para designar a desintegração de discursos sólidos, fixos, previsíveis, institucionalizados, tanto no campo econômico como no campo social e político:

Os primeiros sólidos a derreter, os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas (BAUMAN, 2001, p. 10).

A desintegração da solidez das instituições tradicionais serviu para dar lugar às individualidades. As noções de classe e etnia, como pontos históricos de orientação das pessoas são vistas hoje por outros parâmetros. Segundo o filósofo:

Os poderes que liqüefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ - ou desceram do nível macro para o nível

'micro' do convívio social (BAUMAN, 2001, p. 14).

Percebe-se no excerto, que agora são os indivíduos que ditam os parâmetros de comportamento, chocando-se com outros novos padrões multifacetados de convívio social, cada vez mais micros, mais fluidos, em curtos espaços de tempo.

Coracini (2003), na apresentação de seu livro *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*, faz referências a Hall (2000) para conceituar o termo identidade, de significativa importância para este trabalho de análise das práticas discursivas identitárias de professores-blogueiros.

Segundo a autora, na modernidade, distingui-se dois conceitos diferentes de identidade: o primeiro que remonta ao Humanismo, período caracterizado pelo deslocamento de Deus do centro do universo, em que o sujeito toma o lugar de Deus. A identidade, nessa perspectiva, é marcada pela homogeneidade, fixidez, totalização e estabilidade. O segundo conceito, é o de identidade interativa, que se identifica por ser um conjunto de características que definem um sujeito ou um grupo que, apesar de não ser fixa, traz a idéia de unidade, além de uma certa estabilidade (HALL, 2000). Na perspectiva da pós-modernidade, conforme a pesquisadora, a identidade é tratada a partir da fragmentação, do deslocamento e do descentramento do sujeito; não como fixa, mas móvel, e, além disso, híbrida, heterogênea e constituída na e pela "alteridade".

Ainda embasada em Hall (2000), a analista do discurso argumenta que devido ao descentramento da concepção moderna de identidade totalizante, na modernidade tardia, a identidade é considerada uma "ilusão" de unidade, inteireza, completude e totalidade; e conclui que:

portanto, ao invés de usar o termo "identidade", que nos traz a idéia de unidade, prefere-se o termo identificação ou processos identitários, por serem caracterizados pela não fixidez, pois, se considerarmos que a identidade está em construção, ela é um processo em constante movimento.

A análise do discurso de linha francesa considera, portanto o sujeito do discurso disperso, descentrado, construído nas e pelas práticas discursivas, e sua identidade, na contemporaneidade, está sempre em construção. Nesse sentido, serão usados os termos identificação, processos identitários, práticas discursivas e

identitárias, para nomear as subjetividades que transparecem nos enunciados produzidos pelo professor-blogueiro nos *blogs* educacionais, e o constitui como sujeito.

O termo práticas identitárias é utilizado por Magalhães, Grigoletto e Coracini (2006), para designar o estudo das práticas de linguagem em contextos sociais, como o trabalho pedagógico, com o objetivo de examinar os modos de inserção dos sujeitos participantes nessas práticas e os seus efeitos nos processos de identidade (construção de identidade, identificação, resistência), um “sujeito é plural” com uma identidade subjetiva mas também híbrida, atravessado por uma farta variedade de produtos midiáticos.

2.3 O discurso da inclusão digital

A inclusão digital tem sido uma questão central nos meios políticos e econômicos, tanto nacionais como internacionais, e tem motivado iniciativas de governos e empresas no sentido de promovê-la. A maioria dessas iniciativas dirige-se à escola, principal meio de inclusão, no sentido da implantação de infra-estrutura e de capacitação dos professores para o uso do computador e da Internet. Ao professor geralmente são oferecidos, além do treinamento básico, financiamentos subsidiados para a compra de computadores, como revela o trecho da reportagem online sob o título: “Lula lança laptop de R\$ 1 mil para 3,4 milhões de professores”:

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou nesta sexta-feira (04/07/2008), em solenidade no Palácio do Planalto, o novo programa "Computador Portátil para Professores", que visa facilitar a 2,7 milhões de professores do Ensino Básico, e cerca de 700 mil do Ensino Técnico e Superior, a aquisição de um laptop. O equipamento custará no máximo R\$ 1 mil, será financiado em 24 parcelas pelo Banco Postal e entregue pelos Correios. O novo programa é fruto de uma parceria que está sendo montada entre os Ministérios da Educação e das Comunicações - através dos Correios e do Banco Postal - com a indústria de informática. Disponível em: <http://www.convergenciadigital.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infol=14751&sid=14> Acesso em nov. 2008.

O enunciado permite observar que as instâncias, responsáveis por “facilitar a aquisição de um leptop”, apontam para o equipamento como o objeto concreto que permitirá ao professor incluir-se em um novo mundo.

Pensar no papel que as tecnologias e os meios de comunicação e informação têm desempenhado na vida social implica, além de identificar suas características técnicas, buscar entender as condições sociais, culturais e educativas dos contextos.

O discurso sobre as novas tecnologias, tomadas como recurso pedagógico, nem sempre se aproxima da realidade. O amplo acesso da sociedade aos meios tecnológicos só acontecerá se for superado o conceito de novas tecnologias como mero ato de transmissão da informação e tomada como uma atualização conjunta de significações.

Barreto (2004) considera que é preciso caracterizar a ‘sociedade da informação’ como uma articulação de empreendimentos teóricos, econômicos e políticos. E, no que se refere aos estudos acerca de tecnologia e educação, é importante distinguir os estudiosos que partem do seu questionamento dos que assumem tal sociedade como um pressuposto, porque, segundo a autora, é justamente no nível dos pressupostos e implícitos que a ideologia opera no discurso.

Ao olhar o acontecimento pelo ponto de vista discursivo, Barreto observa vários deslocamentos de sentido que têm marcado as práticas de linguagem, como manifestações das “novas concepções hegemônicas”. Seriam tendências discursivas que consistem na utilização de termos historicamente associados a outras atividades como, por exemplo, a produção, distribuição e consumo de mercadorias, como estratégia de legitimação de deslocamento de sentidos:

O primeiro deles, na medida em que é mais geral, diz respeito ao modo pelo qual as desigualdades e diferenças estão sendo tratadas. As alusões “globalizantes” deixam de incluir expressões como: Primeiro e Terceiro Mundo; países centrais e países periféricos etc. As referências passam a ser os países do Norte e do Sul, como se as questões que os distinguem pudessem ser reduzidas a coordenadas geográficas (BARRETO, 2004). Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1181-1201, Set./Dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 10 fev. 2008.

A autora aponta, no campo educacional, a recorrência, há algum tempo, de termos como “consumidores”, “clientes”, “pacotes”, “produtos”, e acredita que tal recorrência funcionou na preparação do cenário para o deslocamento da educação

para o setor de serviços, capitaneada pela Organização Mundial do Comércio (OMC).

Coracini (2006, p. 8) explica que “o efeito de naturalização das chamadas novas tecnologias” para ter um bom desempenho pedagógico, instaura, primeiramente no imaginário do professor, uma situação de conflito, despertando-lhe, o desejo de dominá-las, mas, ao mesmo tempo, ele se sente angustiado diante da constatação de seu desconhecimento e das dificuldades que “colocam em xeque sua autoridade ou poder legitimado pelo saber que, embora lhe seja ainda atribuído pelo imaginário social, se vê questionado”.

A autora citada argumenta que o discurso da pós-modernidade estaria ancorado, de um lado, na concepção de “sujeito fragmentado, múltiplo, disperso, atravessado pelo inconsciente”, e, de outro, comprometido com a globalização, que o insere “numa situação política capitalista”, em que as tecnologias são legitimadas como a única alternativa para a construção de uma sociedade eficiente. Por isso, considera que “não é à toa que a multimídia se coloca, hoje, como a solução para um ensino de língua(s) motivador e, por isso mesmo, eficaz” (CORACINI, 2006, p. 9).

É importante ressaltar que Coracini (2006, p. 9) afirma não postular uma dicotomia modernidade *versus* pós-modernidade, porque esta, como seu nome indica, “carrega em si o projeto da modernidade que, ainda que seja para se opor, se faz presente. A pós-modernidade traz o passado para negá-lo, o homogêneo e o racional para desconstruí-los...”

Ao considerar a mídia uma colaboradora intencional do marketing das novas tecnologias, quando invade o espaço da vida de cada um, Coracini entende que provocam a formação de um imaginário que mitifica o uso do material considerando-o imprescindível para que “todos” os professores saibam lidar com ele para garantia da motivação do aluno. E, assim, completa:

De tal modo, que caberia falar de “mitificação” da máquina, se aceitarmos que o mito é uma construção social que, de certa forma, vem criar a ilusão do preenchimento da falta constitutiva do sujeito, enfim, da completude – ao mesmo tempo necessária, impossível e, por isso mesmo, sempre adiada (CORACINI, 2006, p. 10).

É nesta discussão que este trabalho apresenta para identificar os discursos dos professores blogueiros, buscando as formações discursivas em que eles se inscrevem. Estas considerações procuram relativizar os discursos sobre a inclusão digital e tentar deixar claro que não nos encaixamos no modelo apologético das tecnologias, mas enxergar os reflexos dessas apologias nas práticas discursivas que se fazem identitárias, no contexto de produção dos blogs.

3 BLOGS EDUCATIVOS

A popularização da Internet trouxe a muitas pessoas a vontade de editar páginas na *web*¹¹, um *Website*. A busca dessa “identidade virtual”, aliada a toda inovação tecnológica na área de comunicação via Internet, surgiu uma área profissional responsável por pensar, projetar os *websites*, - o *Webdesign*. Essa área preocupa-se com o design e a apresentação gráfica, ou seja, planeja e organiza funcionalmente o conteúdo, de modo a permitir a compreensão imediata da mensagem pelo usuário.

Segundo Damasceno (2003, p. 8), o design é entendido melhor quando explicado como um projeto, uma busca de soluções para determinada proposta; uma apresentação mais satisfatória, tanto no aspecto visual quanto na disposição funcional do elemento trabalhado. Esta maneira de conceituar o design é válida para a Arquitetura, o Design de ambientes, o Design gráfico e também para o *Webdesign*. Neste sentido, o design é um aspecto fundamental do blog.

A importância do aparecimento do *Webdesign* está no fato de hoje em dia conseguirmos identificar padrões na disposição das categorias de conteúdos em um website, ou seja, seu layout, que por sua vez possuirá aspectos quantitativos de formas e tipos de conteúdo que o caracterizara como website pessoal, portal, portfólio, weblog e outros.

Certamente, milhões de pessoas que navegam na web todos os dias iniciam sua jornada a partir de um *Website* predefinido. Na maioria das vezes esse *Website* corresponde a um grande site de notícias, ou ao *Website* do provedor de acesso do usuário – um portal, a porta de entrada ao abrangente e diversificado conteúdo da Internet.

Atualmente, o termo “portal” designa um *Website* que agrega em si conteúdos produzidos dentro de seu próprio domínio e também por terceiros, relacionados aos mais diversos assuntos: notícias, eventos esportivos, seções de humor etc. Mas o portal, além de reunir conteúdo de interesse aos usuários, fornece

¹¹ O conjunto de servidores de informação, em regime de conectividade, que segue os princípios do hipertexto, se denomina “www”, ou seja, world wide web, web no sentido de teia, rede (ARAÚJO, 2005).

também diversos serviços, como salas de bate-papo (Chat), contas de email, fóruns de discussão, mecanismos de busca, weblogs (blogs). É a partir deste grande agregador de conteúdo e serviços que surgiu o padrão característico dos websites, pois surgiu a necessidade de organizar a imensa diversidade de informação em uma única página de apresentação inicial, de modo a não prejudicar e confundir os usuários.

De acordo com Damasceno (2003, p.53), o formato de Jornal impresso foi o escolhido, pois condensa na primeira página todo o conteúdo. A estrutura e a maneira de alocar as categorias de conteúdos já estão instituídas há séculos pela mídia impressa e de certa forma, presente na cultura da humanidade que esta habituada com o seu uso e manuseio. Na verdade, esta diagramação visual para o portal reproduz um formato já consagrado que representa para o usuário mais facilidade de uso. No entanto, o design de um portal deve, fundamentalmente, ser criado de modo a transmitir a informação à primeira vista, de forma a fazer com que o leitor ou visitante entenda tudo o que aquela chamada pretende informar ou destacar.

É importante a existência de um padrão na organização da informação, ora herdada da diagramação dos jornais impressos, ora consoantes com a navegação do Windows Explorer, que é a janela de administração da informação do Windows. O Windows Explorer possui do lado direito uma relação de pastas e do lado esquerdo a área de conteúdo. A maneira de “explorar” os conteúdos das pastas (informação), cria no usuário uma rotina, um hábito – “se quiser visualizar o conteúdo de uma pasta, devo ir ao Windows Explorer clicar na pasta do lado esquerdo e o conteúdo se mostrara logo a esquerda. Este processo esta instituído desde 1980, quando a parceria das grandes empresas IBM que popularizou o computador pessoal, e a Microsoft, que facilitou o uso com interfaces gráficas, intuitivas aos usuários com o Windows.

Assim, as propostas de dispositivos relacionadas à Internet, com intuito de acertar na usabilidade, optaram por utilizar as maneiras instituídas por estas organizações, criou-se, então, um padrão.

Os Layouts do Portal e do Windows Explorer tornaram-se os norteadores dos padrões para os websites dos weblogs, fóruns, comunidades

virtuais entre outros, pois possuem em comum uma solução para a necessidade de mostrar e gerenciar uma grande quantidade de informação que ultrapassa as dimensões do monitor. Uma *Home-page* padrão de um WebSite de um “Portal”, tem a necessidade de disponibilizar aos usuários vários tipos e categorias de conteúdo que, segundo Damasceno (2003, p. 56), usa as seguintes disposições de layout:

The image shows a screenshot of the UOL website home page from 2009. The page is densely packed with content and features several key elements highlighted with numbered circles:

- 1**: The UOL logo and brand identity at the top left.
- 2**: The search bar and navigation menu at the top.
- 3**: The administrative menu at the bottom left, including links for 'UOL HOST', 'TENHA SUA PRÓPRIA LOJA VIRTUAL', and 'A PARTIR DE R\$ 49,00/mês'.
- 4**: The left sidebar navigation menu with categories like 'Bate-papo', 'Albumes Fotos', 'Antivirus Firewall', etc.
- 5**: The main news section featuring a large article titled 'Emprego na indústria cai 6,6% em um ano no Brasil'.
- 6**: A section for 'Notícias' (News) with smaller article thumbnails.
- 7**: The 'Publicidade' (Advertising) section on the right, featuring various product ads like Dell laptops and Americanas.com.
- 8**: The footer area at the bottom right, containing copyright information and a small logo.

1 - **Logotipo**, área concebida para abrigar a marca da empresa. / 2 - **Anúncios externos** ou áreas de busca do site. / 3 - **Menu Administrativo do Website**, essa área guarda geralmente, o menu com opções relacionadas ao funcionamento e políticas do Website. / 4 - **Menu de navegação** do Website: Em quase 90 por cento dos casos, essa área guarda o menu de navegação do portal, com todas as seções disponíveis aos usuários. / 5 - **Área de destaque** do portal, é uma área muito importante pois geralmente contém os assuntos principais do Website / 6 - **Corpo** do portal: esta área se destina a todo conteúdo do website que, normalmente dispõem notícias, anúncios internos e destaques para seções próprias / 7 - **Seção de compras** e anúncios – área para anúncios de produtos e ou shoppings virtuais / 8 - **Rodapé** do website: Esta região abriga o menu institucional, informações de *copyright* e ainda pode mostrar banners.

Estas áreas de informação com seus conteúdos diversos e específicos, são também chamadas de categorias, assim temos que, a quantidade de categorias em um *website* o caracteriza e o identifica como um website profissional, pessoal, de serviço, de empresa, um weblog, um fórum, etc.

Website é um conjunto de informações específicas de uma empresa, pessoa, produto ou serviço. A página inicial é chamada de *home-page*, é a porta de entrada no site, identifica-o em suas temáticas e assuntos (DAMASCENO,2003).

Um Layout padrão para um website profissional possui as seguintes categorias: de **logotipo** (1), que seria ocupada pela foto do profissional, uma **área de destaque** (5), para descrever o site e uma **área de navegação pelo conteúdo** (6). Este tipo de website, hoje é denominado de Portifólio Profissional, que corresponde ao conjunto de trabalhos de uma empresa, escritório ou profissional, organizados geralmente em ordem decrescente de data ou publicação, esta organização também acontece nos *Curriculuns Vitaes* e *Weblogs*. Observa-se que, na composição de um layout para website existe um jogo de composição e identificação.

Nos weblogs as categorias que configuram o seu layout padrão são, o logotipo, o menu de navegação, o corpo e o rodapé. Na figura abaixo, estas áreas estão identificadas com numerais que seguem a sequência descrita no layout padrão do portal, para que se tenha uma melhor percepção das variações deste padrão.



1 – Logotipo / 4 - Menu de navegação / 6 - Corpo / 8 – Rodapé

Logotipo: sua posição é geralmente no topo da página, possui as características que identificam o weblog, como nome, imagens e cores. A **cor do logotipo:** juntamente com o tipo de fonte a cor de um logotipo expressa personalidade do weblog, determinando logo a primeira vista: a identificação e sua possível temática; O **tipo de fonte:** formas, estilos e cores combinados para uma identificação quase que imediata; A **marca:** Muitos usuários não contentam apenas com uma boa fonte e decidem personalizar seu logotipo com uma marca original. Neste caso, a marca complementa o trabalho de identificação do logotipo e define, de forma não verbal o estilo visual do site; A **angulação, a distorção e o posicionamento:** quando somadas a outros elementos do layout, indica a originalidade do design da página.

Menu de navegação: contém as informações de perfil do autor do blog, a lista de posts e aplicativos de interação como – livro de visitas, enquete, banners e imagens.

Corpo: onde é mostrado os posts e as opções de comentários;

O **Layout de conteúdo** corresponde ao desenho de layout, realizado de forma a ressaltar e reunir, em uma só área o conteúdo do blog. Nesta região existem também o design de contorno, ou seja, como o conteúdo será enquadrado e posicionado, com isso pode sugerir a temática, a usabilidade e a originalidade.

Rodapé: localiza-se no final da página, é onde ficam as informações de *copyright* e pode conter aplicativos e *banners*.

O uso dos padrões e a busca pela diferenciação nas possibilidades de sua configuração criam um espaço onde é possível a continuidade e a descontinuidade das trocas, onde temos a imersão de várias linguagens e formas de expressão, a Cibernídia.

Araújo (2005, p. 2) conceitua Cibernídia como:

[...] o conjunto de mídias digitais em ambientes híbridos fixos ou móveis, constituídos pelo hardware e software, significando o computador fixo e todos os seus aplicativos e interfaces, incluindo a www e a internet, os browsers de navegação, os CD-Roms, e as interfaces externas, como a telefonia celular móvel, as tecnologias wireless, e até mesmo os ciber centers e lan houses. O conjunto de servidores de informação, em regime de conectividade, que segue os princípios do hipertexto, se denomina “www”, ou seja, world wide web, web no sentido de teia, rede. A cibernídia é uma teia ainda mais abrangente, não só interna ao hardware, mas também linkada a interfaces externas. A concepção do termo “teia” remete ao

imaginário popular, de aranhas tecendo seus fios, múltiplos, díspares, mas interconectados. A estrutura do rizoma, com seus platôs e linhas de fuga, se assemelha a uma teia, não tendo um único caminho possível, mas muitos, clicados por ações que refletem pensamentos que, como o rizoma, não são só lineares nem controláveis em todas as instâncias.

A constituição do espaço dos weblogs facilita o relacionamento e a participação do usuário professor na cibernídia. Assim, as possibilidades de interação e comunicação apoiam-se nessa tecnologia refletindo, segundo Oliveira (2007), na prática educacional que passou a exigir uma educação que não mais se centrasse no 'uno', mas sim que pudesse trabalhar com a pluralidade. Mesmo os suportes de textos verbais e não verbais passaram a fazer parte do cotidiano escolar e, conseqüentemente, diversas linguagens passaram a integrar a prática educacional como, por exemplo, a linguagem jornalística, publicitária, televisiva, radiofônica, cinemática, etc.

Este efeito da Cibernídia encontra aceitação na dinâmica dos *weblogs*, pois atualmente, são a forma mais comum de Website pessoal, é o tipo de site que ganha mais adeptos por dia no mundo inteiro. Hoje, qualquer pessoa pode ter seu weblog, bastando para isso, preencher alguns campos de cadastro.

O weblog, popularmente conhecido como blog, é um diário eletrônico, onde *Web* é inserção na rede e *Log* é diário. O termo é atribuído ao americano Jorn Barger, criador do mais antigo Weblog da Internet, assim a palavra passou a ser a designação dos websites atualizados diariamente através do sistema de postagens mantido via Internet, por uma ou várias pessoas.

Todas as pessoas se vestem de acordo com um estilo próprio e possuem preferências únicas de cores, padrões e modelos, não apenas nas roupas, como também em objetos pessoais e pertences. A caracterização visa, na maioria das vezes, transmitir a terceiros a identidade de um indivíduo, seu estilo (musical, de vida, trabalho) e até mesmo sua posição na sociedade. E o mesmo acontece quanto à escolha de cores e padrões para uma Weblog.

Segundo Damasceno (2003), o layout de um Weblog, na maioria das vezes, funciona como uma "carteira de identificação" de seu dono, que utiliza dos principais itens de design, ou seja, dos elementos caracterizadores que são o

logotipo, as cores, o layout de conteúdo, menu de opções ou navegação, rodapé e itens diversos, que compreendem desde ícones até planos de fundo.

O weblog permite muitas alterações em seu layout padrão, todas voltadas para enriquecer o visual e dar mais identidade ao blog, assim também fazem parte da composição visual do weblog o **plano de fundo**, geralmente usando uma temática ou simplesmente uma cor, os **ícones** são utilizados como imagens de sinalização em substituição das palavras e expressões. As imagens, linguagem não verbal, demonstram muito sobre a personalidade e estilo do blog, atribuindo identidade ao espaço. Sempre aliadas aos demais elementos de layout como cores, padrões e formas.

O weblog concentra recursos para multimídia e interação, tem facilidade de elaboração e publicação, está inserido em meios de buscas e coloca o usuário imediatamente na web com visibilidade e expressão, dinâmicas estas que, alteram a maneira dos indivíduos de se relacionar com as pessoas e com o mundo.

Com a chegada da internet ao Brasil, por volta dos anos 1990, as relações tecno-sociais sofreram muitas mudanças. A esse respeito Lévy (1999, p. 7) afirma:

Novas maneiras de pensar e conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos.

Os *blogs* inserem de forma facilitada os indivíduos na Cibernmídia, de forma que qualquer pessoa pode criar um *blog* gratuitamente e iniciar os “*posts*”¹². Eles podem ser públicos, privados e restritos. Quanto à visibilidade na internet, possuem uma hospedagem em servidores que, geralmente, disponibilizam gratuitamente a ferramenta para o seu gerenciamento, o registro do endereço digital na internet e métodos de divulgação, parcerias e estatísticas de acessos.

Como se pode perceber pela descrição do suporte blog, há uma dinamicidade muito grande oferecida pelo dispositivo. As mudanças de conteúdo e de interação podem ocorrer muito rápido e as informações nele contidas podem tornar-se obsoletas em um curto espaço de tempo. Este é um exemplo do que Bauman (2001) caracteriza com mundo líquido-moderno, em que as exigências se

¹² Termo usado para indicar a publicação ou atualização de um arquivo na internet.

intensificam em função da velocidade dos acontecimentos e o homem passa a correr contra o tempo para pertencer a esse mundo, mas para isso precisa encontrar-se. Assim, surge o que muitos estudiosos chamam da era da crise da identidade.

Como exemplo do que acontece na cibercultura e de como o professor se sente podemos citar a reportagem da revista *Nova Escola* “A educação, vista pelos olhos do professor” de novembro de 2007, que trata em parte, da imagem que o professor tem de si, sua profissão, compromissos, tarefas e desejos e de como a sociedade o identifica.

Segundo a reportagem,

Você conhece bem esta realidade: o professor adora a profissão,mas não está satisfeito com ela. Sabe que é parte de sua função preparar os alunos para um futuro melhor e gosta de ver as crianças aprendendo, porém se ressentido por ter de providenciar a Educação global (valores, hábitos de higiene etc.) que a família não dá. (NOVA ESCOLA, nov. 2007).

Sob a ótica do conceito de interdiscurso que está articulado ao complexo de formações ideológicas: alguma coisa fala antes, em outro lugar, independentemente. Podemos identificar aí um já dito, um já lá, um interdiscurso dos reflexos da visão idealizada de professor, a de herói, batalhador, sempre disposto a salvar o aluno tanto em relação às doenças do intelecto, quanto aos vícios. Nesse sentido, o professor atribui-se a função de modificador de destinos, existe a tensão entre um discurso que o valoriza e outro que o desvaloriza, resultante de uma realidade social em mutação (CORACINI, 2003).

Este meio web, através do blog, permite a sensação do recriar, do novo, onde é possível ao professor “virar dois” ou infinitamente mais e esta é uma das razões por ter ocorrido uma grande adesão da classe de professores que vislumbraram neste recuso a possibilidade de pertencer e explorar, expressar e comunicar, ser e estar, ensinar e aprender.

4 UMA REDE DE BLOGS: Internet e Web na educação

O *corpus* deste trabalho foi selecionado a partir de pesquisa em sites de busca que representam grandes empresas que incentivam e desenvolvem os usos da Internet e suas tecnologias de web. Dentre os grandes portais de empresas especializadas em divulgação de conteúdos consultados, estão o MSN Brasil – Hotmail (<http://br.msn.com/>) que é da Microsoft, Yahoo! Inc. (NYSE: YHOO - <http://br.yahoo.com/>) empresa norte-americana de serviços de Internet e a Google (<http://www.google.com.br/intl/pt-BR/profile.html>), considerado o portal de busca mais utilizado no mundo inteiro. Fizemos a busca e encontramos o grupo de discussão *Internet e Web na Educação*, com sede no Yahoo Grupos e divulgado pelo sistema *Blogger* da Google.

O *Internet e Web na Educação* é um *weblog* que divulga os *blogs* de professores participantes do grupo de discussão web¹³ sobre educação e tecnologia. Ele está hospedado no “*Blogger*¹⁴” e foi idealizado pela professora Fátima Franco. O endereço do *blog* do grupo na Internet é: <http://internetnaeducacao.blogspot.com/>, onde pode ser observado o volume de *blogs* e *blogueiros*, temas e atividades pertencentes ao grupo de discussão web. Foi criado no dia 22 de fevereiro de 2005 e atualmente conta com 889 associados. Em sua descrição, o grupo de professores-blogueiros define os seus objetivos:

Este grupo destina-se à troca de experiências entre professores do ensino fundamental, médio e superior, sobre o uso da Internet e da Web na sala de aula. Discute-se ainda as inúmeras possibilidades educacionais dos weblogs e de diferentes ferramentas de aprendizagem.

As mensagens devem ser relacionadas:

- Ao uso do computador na escola,
- Aos usos dos blogs educativos,
- Usos educacionais de softwares proprietários, livres,
- Divulgação de artigos, notícias relacionadas aos usos das TICs na educação e eventos na área de educação e TICs, - Solicitação de ajuda a projetos de informática na educação e ao uso de diferentes ferramentas/recursos.

Outros temas de discussão não são de interesse desta lista.
(Internet e web na Educação, 2009)

¹³ Em Sociologia, um grupo é um sistema de relações sociais, de interações recorrentes entre pessoas. Na web estes grupos tem sua dinâmica nos e-mails, os quais se encarregam de favorecer o transito das informações.

¹⁴ Site que possui a ferramenta para criação e publicação de blogs.

Esta rede de *weblogs* se insere na realidade comunicacional e tecnológica da contemporaneidade, pois demonstra, quantitativamente, a busca dos professores por interação e participação, desejosos de informação, conhecimento e exposição. Temos um espaço virtual social e histórico onde sujeitos e ideologias se polarizam, ganham força para expor e se fazer representar em seus *weblogs* pessoais. Essas regras de formação dos conceitos, segundo Foucault (2000), não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (FOUCAULT, 2000, p. 70).

Podemos perceber, por meio dos objetivos apresentados no *blog*, que tal campo discursivo insere-se na representação construída - na mídia, nas instituições de ensino público e particular, no governo e na sociedade da informação e do conhecimento -, para o professor do mundo contemporâneo, qual seja: um sujeito tecnologizado que sabe dominar as novas tecnologias da informação e conhecimento e aplicá-la em prol de uma educação mais interativa, participante e criativa. Sabemos que tal representação é idealizada, pois apaga todos os problemas que envolvem a inserção das novas tecnologias digitais nas escolas e no ensino-aprendizagem. Além disso, o *blog* é um espaço para acomodar um discurso de marketing pessoal, realizado sob a aparência de discurso informativo e de orientação sobre as novas tecnologias e, conseqüentemente, de ajuda àqueles que pretendem inserir-se no mundo da educação *online*.

Dessa forma, a noção de campo discursivo possibilita-nos buscar, no *corpus* selecionado, as identificações do sujeito-professor-blogueiro e suas filiações com determinadas formações discursivas para inserir-se em práticas discursivas e identitárias deste meio informacional, tecnológico, comunicacional e digital dos *weblogs*. Tudo isso ocorre para que o professor possa pertencer ao grupo considerado pelos discursos da contemporaneidade como professor preparado para ensinar num mundo de novas tecnologias. Caso ele não se sinta inserido neste mundo, o medo, a angústia de ser descartado faz com que se torne cada vez mais estressado e doente (BAUMAN, 2001).

No *post* denominado 'aniversário do grupo' do *Internet e Web na Educação*, aidealizadora ao retomar rapidamente a trajetória da evolução do *blog* e

de seus “edublogueiros”, coloca-se na função-sujeito (FOUCAULT, 1997) daquele que pode falar como conhecedor da “história” do grupo, e por isso pode reconhecer seu “crescimento” quanto ao domínio das tecnologias:

aniversário do grupo

Em 2005, tive a oportunidade de criar uma lista de discussões sobre Blogs na Educação. A lista **creceu**, novos recursos surgiram, fomos aprendendo a usar cada vez mais as diferentes tecnologias e a relação de temas tecnológicos para discussão ampliou-se consideravelmente.

A blogueira fala do lugar de professora universitária, preparada, e de alguém que concentra aqueles que estão interessados em aprender e a criar uma rede que promova a inteligência coletiva propagada por Levy:

Desde 2007, estamos crescendo muito, já que professores de diferentes universidades e muitos cursos livres vêm indicando a lista para seus alunos, como um espaço de aprendizagem.

Além disso, devido a esse lugar enunciativo, o sujeito se investe do direito de fazer críticas aos seus “edublogueiros” sobre como estes utilizam o blog e as ferramentas disponibilizadas para a interação e a participação. A blogueira afirma que a má utilização deve-se ao fato do crescimento do blog e da rede de participantes, e também atribui esse fato aos professores que ainda não aprenderam a usar a lista de forma adequada e denomina esses acontecimentos de “algumas intempéries”. Na realidade, a blogueira procura por meio da palavra “intempérie”, que significa, algo que acontece sem que esperemos, apagar o real sentido que é o de atribuir o problema aos professores que não “sabem” fazer adequadamente o que deve ser feito.

Tal prática discursiva recai em um *já-dito*, quanto às regras a que devem obedecer os enunciados em uma dada formação discursiva, aquela que diz que os professores devem dominar a nova linguagem da tecnologia para serem modernos, mas que isso muitas vezes não ocorre por falta de vontade ou de adequação e aceitação do próprio professor às novas regras impostas pelas condições de produção do mundo tecnológico, conforme podemos observar na afirmação da blogueira :

Em virtude deste crescimento, temos tido algumas intempéries: professores que ainda não aprenderam a usar a lista de forma adequada e enviam assuntos que não são os nossos temas de discussão, que enviam spams, etc.

Em outro momento, o discurso da “professora” atravessa o discurso da professora-blogueira: “é preciso compreender”, “é preciso vivência”, “é preciso saber”. Ao mesmo tempo evoca enunciados de uma outra formação discursiva, aquela dos estudos da linguagem que reconhecem os elementos característicos dos vários gêneros discursivos, ou seja, cada gênero discursivo possui uma temática, um estilo, uma estrutura que são comuns, portanto “não se usa o mesmo discurso em uma lista de discussão, nem no orkut ou em um e-mail ou no MSN”, por que cada um deles possui especificidades diferentes, conforme citação:

No entanto, é preciso compreender que aprendizagem na Web não é uma coisa que se adquire da noite para o dia. É preciso vivência, é preciso saber diferenciar as diferentes linguagens nos diferentes espaços: não se usa o mesmo discurso em uma lista de discussão, no orkut, em um e-mail ou no MSN.

POSTADO POR FÁTIMA ÀS 8:55 PM 25 COMENTÁRIOS
LINKS PARA ESTA POSTAGEM Janeiro 24, 2009

Podemos inferir que o blog funciona como um simulacro da educação *online* e que os professores participantes dessa rede virtual encontram-se na linha tênue de uma realidade virtual e real ao mesmo tempo, pois tudo se apresenta a ele como possibilidades de tornarem-se realidade, e para que isso aconteça o único responsável é o próprio internauta professor. Afinal, as tecnologias são uma extensão do próprio homem e parecem estar lá à sua disposição e vontade, não parece haver nenhum problema que possa impedi-lo.

Em outro *post* que denomina de “O selo de nossa Comunidade”, a blogueira idealizadora do blog se refere a um ícone do post a que chama de “selo”, produzido e escolhido por concurso entre os *edublogueiros* para ser uma marca, um logo de identificação visual e discursiva da comunidade virtual. A blogueira em seu discurso coloca-se no lugar de quem pode falar a todos, como se estivesse em sala de aula: “Pessoal”.

O selo de nossa Comunidade

Pessoal: estão distribuindo por aí, o selo de nossa Comunidade, como se fossem presentinhos, mêmes, correntes.

Na seqüência, ela mais uma vez vem tentar ajustar as regras que determinam os enunciados das duas formações discursivas: a dos professores digitalizados e a dos professores autores. A professora-blogueira parece ensinar aos edublogueiros como serem autores, a reconhecerem a autoria do outro, mas ela ocupa o lugar do saber e o saber sobre direitos autorais do mundo virtual lhe atribui o poder de colocar os outros em seus devidos lugares - analfabetos digitais, conforme citação:

Infelizmente, este é mais um caso de analfabetismo digital: pegar uma imagem que tem direitos autorais e sair distribuindo por aí, como se a tal blogueira a tivesse feito.

Novamente as relações de força aparecem nos enunciados em que o sujeito que ocupa a posição ascendente determina, pela linguagem, o que pode e o que deve ser dito nessa formação discursiva:

Para quem está chegando ao grupo e não conhece a história: o selo foi escolhido por votação dos professores aqui da lista e a imagem criada pela Ana Laura, nossa colega, foi a escolhida. Isto foi há quase 5 anos.

Para usá-lo é preciso fazer parte da lista de discussão. Não é um mème e muito menos uma corrente de presentinhos. É uma identificação do grupo.

Portanto, se alguém encontrar por aí, denuncie, pois é um desrespeito com o trabalho de Ana Laura, que se quiser, pode processar por uso indevido.

Já descobri quem começou a distribuição e já fui lá deixar um recadinho explicando como as coisas funcionam.

POSTADO POR FÁTIMA ÀS 12:20 PM 2 COMENTÁRIOS
LINKS PARA ESTA POSTAGEM MARCADORES:
ANOTAÇÕES

Podemos observar que as práticas discursivas desse sujeito vão construindo identificações que o reconhecem em uma função discursiva e é atravessado pelas vozes de outras formações discursivas para construírem o discurso da modernização dos educadores pela tecnologia. Quem não tiver domínio e não se adaptar a ela, será excluído.

A prática discursiva dos blogs cria um simulacro de uma rede de professores orientados pela blogueira que o promove, o qual Levy (1999) chama de Inteligência coletiva, no entanto, na prática não se percebe um aprendizado efetivo, nem uma discussão crítica das temáticas abordadas. Os edublogueiros, na realidade, são um grupo no Brasil, privilegiado por possuírem acesso à internet, mas isto não significa que dominem as ferramentas tecnológicas, mas acreditam que ao pertencerem a esse grupo, podem adquirir este domínio

4.1 Blog **Leitura e Escrita na Escola**

O blog **Leitura e Escrita na Escola**, da mesma blogueira Fátima Franco, encontra-se publicado no *Blogger*, como um link do *Internet e Web na Educação*. Sua *home page* localiza-se no endereço http://leituraescola.blogspot.com/2006_02_01_archive.html.

PESQUISAR BLOG | SINALIZAR BLOG | Próximo blog»



LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA
INDICAÇÕES, COMENTÁRIOS E SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA LEITURA E ESCRITA ESCOLAR.



QUEM SOU EU



FÁTIMA FRANCO
Imagem no perfil:
"Mulher em frente ao Sol" de Juan Miró

VISUALIZAR MEU PERFIL

COMPLETO

CONTATOS

E-mail

Livro de visitas



English Version - Google

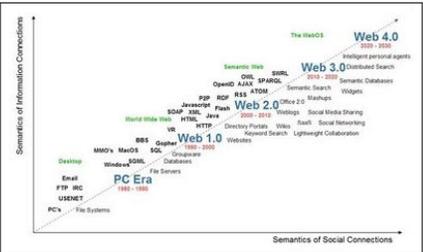
NÃO COPIE REFERENCIE.

PAGE PROTECTED BY
COPYSCAPE
DO NOT COPY

17.5.08

Dia Mundial da internet

17 de maio é o dia **mundial da internet**. A linha abaixo, mostra a evolução dos recursos atuais e os recursos futuros.
E o Ensino Mediado por Computador ainda tem muito que caminhar...



(Clique na imagem para ampliar)

E você, professor, em que fase está?

POSTADO POR FÁTIMA ÀS 12:12 AM. 0 COMENTÁRIOS. LINKS PARA ESTA POSTAGEM
MARCADORES: COMEMORAÇÕES, COMPUTADORES, NOTÍCIAS

http://leituraescola.blogspot.com/2006_02_01_archive.html.

O primeiro *post* do *blog* **Leitura e Escrita na Escola** na *web* foi em fevereiro de 2006. Nessa primeira postagem, a blogueira Fátima Franco descreve os objetivos iniciais de sua criação: "Não pretendemos apresentar resumos, mas sugestões de diferentes textos para leitura, em diferentes suportes, com sugestões metodológicas que possam auxiliar a professores, alunos e pais interessados no assunto".

A descrição do objetivo do *blog* liga-se a um discurso liberal e ao mesmo tempo de preservação da face daquele que o profere, uma vez que alerta de antemão que não irá resumir, sintetizar maneiras de lidar com as novas tecnologias educacionais *online*, mas sim sugerir e, esta ação implica em dar liberdade ao outro de acatar ou não a sugestão. Conseqüentemente, o(s) moderador(es) do *blog* constroem para si uma imagem de orientador, de mediador do conhecimento. Assim, podemos vislumbrar uma prática discursiva e identitária que resgata um *já dito*, um *já lá*, um interdiscurso pertencente ao discurso da educação democrática, continuada, processual em que o professor não é mais o transmissor do conhecimento, mas sim seu mediador. Uma educação que se edifica no aprender a aprender e no aprender sem chatear.

Sabemos que, atualmente, a escola se atribui o papel de formadora do cidadão emancipado e autônomo, que é capaz de "ler e escrever" em todas as novas linguagens do universo informacional em que está imerso. Sendo assim, o professor que é o responsável por promover diretamente esse perfil do alunado deve ser o primeiro a ser alguém emancipado e autônomo, daí não mais constituir-se como transmissor e sim mediador do conhecimento.

Em todas as páginas acessadas no *weblog* *Leitura e Escrita na Escola* encontramos uma barra de navegação do *Blogger* com funções específicas como: pesquisa, sinalizar, criar *blog* e *login*. O endereço na Internet faz referência ao tema do *blog*.

Na prática discursiva onde se instala o movimento dos enunciados para tornarem-se acontecimento, o *weblog* *Leitura e Escrita na Escola*, da professora Fátima Franco, configura-se num *Layout* padrão, "topo" (logotipo) com o nome do *blog*, "Região de descrições" (menu de navegação), do lado esquerdo e "região de

conteúdo” a área dos *posts*. As cores e a tipologia seguem a proposta padrão, assim o plano de fundo é branco e cor da fonte é preto.

O blog apresenta no “menu de navegação” uma quantidade expressiva de aplicativos, ferramentas de aplicações e interação, podemos citar: **Banners de divulgação e campanhas, link para contato, livro de visitas, Ortografia, Lista de blogs preferidos, quantidade de pessoas online, direitos autorais, arquivos do blog, links diversos, opção de leitura no e.mail, Leitores**. Todos estes recursos devem ser configurados e, portanto, não fazem parte do layout padrão, que apresenta o Perfil, Seguidores, marcadores assim a presença destes aplicativos revelam uma preocupação maior com a funcionalidade, ou nas palavras da *blogueira* “suporte” do que com apresentação visual.

Podemos fazer um gesto de leitura analítica do discurso que se apresenta entrelaçado em meio à linguagem verbal e não-verbal. No campo menu de navegação, temos uma sequência de substantivos que nomeiam o conteúdo dos aplicativos e ferramentas pertencentes ao *blog*. No item “marcadores”, um dispositivo que disponibiliza em forma de menu as palavras selecionadas pela *blogueira* como “chave” para os posts, revelam o domínio da *blogueira* em vários assuntos, no entanto, observa-se que o os campos discursivos Leitura e escrita são o 3º e 11º, respectivamente, na quantidade de posts. Tais substantivos concretos remetem à utilização do blog como uma ferramenta de divulgação e informação e uma preocupação com a audiência do mesmo como se pode confirmar em *blogs* preferidos e quantidade de pessoas *online*, entre outros. Podemos observar na sequência dos marcadores que há uma maior ênfase em termos que remetem a preocupação da visibilidade e da audiência do blog, como por exemplo: livro de visitas, pessoas online entre outros.

Os temas dos *posts* são de assuntos diversos, e não prendem a *blogueira* ao tema principal de suporte que é o da leitura e escrita na escola. Os *posts* que foram selecionados para esta pesquisa são: Dia mundial da Internet, Ortografia, Ecologia e Meio Ambiente, Dia da terra, Analfabetismo, sendo que apenas dois se relacionam com o tema suporte e os demais com o contexto da Educação no Brasil e a Inclusão digital.

Os comentários referentes aos *posts* selecionados pela *blogueira* são com frequência, dos *edublogueiros* em formação que, em lugar de comentarem a

temática do *post*, fazem referência e elogios mais à *blogueira* do que à discussão temática. Isso pode ser observado nos comentários do tema *Alfabetização*, em que eles agradecem o envio do selo convencionado para representar imagetivamente o



grupo: . Conforme podemos observar em alguns comentários dos edublogueiros alunos, há representações sobre quem é a formadora, sobre o poder que tem porque detém o saber e domina a tecnologia. O que se percebe é uma procura pela identificação com o outro e com o discurso das competências tecnológicas:

Georgia disse...
Oi Fátima que legal que vc trouxe o selinho da blogagem e ainda fez uma convocatória. Valeu o apoio e seu nome já está na lista dos participantes.
Beijao e obrigada
Quinta-feira, Abril 10, 2008 6:07:00 AM

Coracini (2003, p. 239), ao refletir sobre o sujeito e a alteridade, coloca como pressuposto básico que a subjetividade se constrói no outro e pelo outro e é flagrada por identificações de vários tipos.

Fátima Campilho disse...
Para a "mãe de todos",
Nosso carinho em forma de selinho!
Abraços.
Domingo, Abril 13, 2008 10:38:00 PM

Neste enunciado, o sujeito se refere à formadora como “a mãe de todos”. Essa identificação com o substantivo re-significa e ocorre na medida em que sua voz encontra eco na posição do sujeito discursivo da professora blogueira que gere a informação do blog.

Outra edublogueira procura mostrar que aprendeu a lição e faz circular também um “selinho” da “Campanha da Amizade”, com certeza, totalmente contra os princípios a que a professora-blogueira se referiu em seu comentário, sobre os direitos autorais da imagem:

Vanessa dos Santos Nogueira disse...
Olá?

Recebi um selo da Campanha da Amizade e posso compartilhá-lo com dez amigos. Escolhi você para ser uma delas. Se quiser pegar o selinho vá até o meu blog.

Lá tem as informações de como proceder.

Beijinhos

Vanessa

<http://ciberespaconaescola.blogspot.com/>

Quinta-feira, Abril 10, 2008 1:33:00 AM

A prática discursiva dos comentários também se insere no discurso da visibilidade: quanto mais selinhos o internauta tiver, isto será sinal de que tem uma rede grande de amigos e, conseqüentemente, sua imagem será de alguém ‘popular’. Assim, o *post* com a temática da *Alfabetização* parece nem ter sido lido pelos internautas e sua importância também parece não ser relevante para leitura, uma vez que se apresenta no *blog* mais como um texto tal qual um livro numa estante em que pode ser visualizado, mas fica ali sem ser lido.

O efeito de sentido da prática discursiva da edublogueira é o de uma certa ingenuidade no discurso, como se copiar uma ação da formadora fosse levá-la a dominar a técnica ou a compreender o que há por trás da linguagem da informática. Esse sujeito vivencia o sentimento de uma identidade ilusória, una e estável, possível de ser capturada pelas imagens de si e do outro que emergem no discurso, mas, segundo Coracini (2003, p. 17) “à revelia do consciente, o sujeito mais se diz do que diz, o que significa que ele não tem o controle dos sentidos produzidos, já que ele se revela na mesma medida em que, intencionalmente, deseja se esconder[..]”.

Usando o *weblog* como uma técnica de si, esses sujeitos imaginam que a prática discursiva da bajulação fará com que seu professor *online* se compadeça de sua condição de analfabetos digitais e, assim, possa dar-lhes mais uma chance para aprender a repetir o discurso que está valorizado no momento: o do professor tecnologizado. A divisão e o conflito dos sujeitos procuram uma prática discursiva que possa preservar-lhes a imagem de um bom aprendente, por isso precisam mostrar uma prática parecida com a da formadora. Seu enunciado evoca o poder disciplinar das instituições sociais – a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana, como pensa Foucault (2000).

Confirmam-se, nesse momento, as idéias de Bauman (2001), em que ele coloca o sujeito como um ser sitiado entre ser um indivíduo e ao mesmo tempo

pertencer ao grupo. Até o momento, os sujeitos pertenciam a um grupo tradicional, que hoje está relegado dentro da sociedade, assim, procuram desesperadamente encontrar um caminho que possa conciliar duas posições antagônicas que não permitem diálogo, nem intersecções. Emerge, dessa maneira, um sujeito produto de um interesse de época.

Apesar de toda evolução tecnológica, de toda formação no trabalho, observamos que não se acabaram muitos problemas desde sempre existentes em todas as sociedades: a permanência da desigualdade, da intolerância, do medo do descarte do grupo social, da angústia existencial.

O cabeçalho de apresentação com o título do *weblog* em fonte negritada e em maiúsculas LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA é seguido de um subtítulo, em fonte menor e em maiúscula, que remete claramente aos objetivos do *blog*: INDICAÇÕES, COMENTÁRIOS E SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA LEITURA E ESCRITA ESCOLAR :



Acima dos títulos e subtítulos do *blog* temos três imagens que remetem a três temáticas respectivamente: uma imagem representando o uso do computador, pois mostra em primeiro plano uma mão segurando um “mouse”¹⁵, aparentemente em uso. Ao fundo vários livros empilhados e sobre estes um livro aberto, remetem à tecnologia da imprensa de Gutemberg e à da informática. No centro deste arranjo temos um livro aberto, com a página marcada por uma fita vermelha, pode se deduzir que se inicia um novo capítulo em relação a página anterior, não marcada pela fita. E, na terceira imagem, temos a parte de uma gravura rupestre¹⁶, uma das maneiras usadas pelos seres humanos da antiguidade para contar histórias.

¹⁵ Mouse é um periférico de hardware, leitor digital que possibilita a interação com o computador.

¹⁶ Arte rupestre, pintura rupestre ou ainda gravura rupestre, é o nome que se dá às mais antigas representações pictóricas conhecidas, as mais antigas datadas do período Paleolítico Superior (40.000 a.C.) gravadas em abrigos

Embora previsível, o arranjo imagético contrapõe-se a uma leitura cronológica que iria do rupestre às novas tecnologias, pois se inicia na tecnologia e termina na gravura rupestre. Assim, podemos fazer a leitura de que a imagem colocada no centro (um livro aberto em um novo capítulo da história) possa ser a ponte entre dois mundos tão distantes e diferentes. O mundo tecnológico do professor engajado e preparado para lidar com as novas tecnologias da educação e do outro lado o mundo conservador, antigo, da “idade da pedra” daquele professor que parou no tempo, mas que por meio do livro representativo de um mundo atemporal que serve de ponte entre o contemporâneo e o antigo poderá transitar entre os dois mundos. Além disso, pode pertencer ao primeiro – mundo tecnológico - sem grandes problemas se seguir as práticas discursivas e identitárias da blogueira que se coloca como uma agente de informação, instrutora, mediadora e formadora de professores para a Leitura e a Escrita escolar na era digital.

O discurso do cabeçalho é construído sob a égide de um saber específico, que por meio da prática discursiva instrucional e de aconselhamento, o interlocutor encontrará naquele espaço “saber” e “poder” para dominar os conteúdos e ensinar a ler e escrever. Nesse momento, a composição sugere que temos de conhecer o entrelaçamento de várias linguagens para, depois, sermos absorvidos profissionalmente na contemporaneidade que exige o domínio da comunicação simples e primitiva, o domínio do impresso e do digital que englobaria todas as linguagens de forma sincrética.

Vemos certa proporcionalidade entre as três imagens da composição, em que a imagem representante da tecnologia ocupa uma parte menor que a imagem do livro aberto e da gravura que poderíamos pressupor três domínios: da informática, da escrita e da leitura e pintura e que o sujeito declara a primazia de cada um. Nesse sentido, podemos pressupor que a blogueira tem um posicionamento sobre a importância da tecnologia, qual seja: que as novas tecnologias não farão morrer o livro, e elas estão para somar e não dividir.

Segundo Pêcheux (1997c), o discurso existe em relações de metáfora (transferência) que se dão nas formações discursivas que são seu lugar histórico

ou cavernas, em suas paredes e tetos rochosos, ou também em superfícies rochosas ao ar livre, mas em lugares protegidos, normalmente datando de épocas pré-históricas.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

provisório. Assim, podemos verificar, no texto sincrético (visual e verbal) do *blog*, uma composição metafórica da leitura e da escrita em tempos de novas tecnologias. Essa configuração parece sugerir um espaço para a consulta e discussão do como fazer para se tornar um professor inserido no mundo virtual e que sabe utilizar o *blog* como ferramenta pedagógica para o ensino da leitura e da escrita.

Nosso interesse na análise do *blog* está em perceber como o **sujeito-professor-blogueiro**, em uma situação informal digital, constrói-se enquanto sujeito por meio de suas práticas discursivas às quais se identifica e pelas quais é identificado.

No campo “Quem sou eu”, (perfil) do blog, a blogueira não utiliza sua própria imagem, prefere colocar a imagem no perfil de um quadro de um artista contemporâneo intitulado “Mulher em frente ao sol” de Juan Miró em vez de sua própria imagem.



Dessa forma, a blogueira se vale de uma metáfora, como se dissesse: eu sou a “mulher em frente ao sol”, de Miró, eu me identifico com ela. Na linguagem da tecnologia, ela cria um *fake*¹⁷, um perfil falso, ou melhor dizendo, talvez um simulacro de um perfil pelo qual gostaria de ser reconhecida.

Se pensarmos que a escolha da imagem de “A mulher em frente ao sol” não foi aleatória, mas traz em seu bojo as identificações do sujeito que a escolheu e seu desejo de estar ali metaforizado, podemos pressupor que temos a construção de um sujeito simulado, um simulacro de uma mulher imbuída das qualidades de seu criador, Joan Miró.

¹⁷ **Fake** (do inglês, literalmente *falso*) é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na internet para ocultar a identidade real de um usuário, na maioria das vezes usando-se de identidades de famosos, personagens de filmes ou desenhos animados ou mesmo de pessoas conhecidas do dono da conta. Como não se sabe quem é o dono do fake, é comum chamar o próprio dono desse perfil de “fake”.

Segundo o site¹⁸ sobre Joan Miró, o artista foi um ser despojado, intuitivo que criou sua própria linguagem artística e procurou retratar a natureza como o faria o homem primitivo ou uma criança, que tivesse, no entanto, a inteligência de um homem maduro do século XX.

Assim, podemos perceber que a construção do sujeito discursivo deste *blog* se dá por meio da simulação do ser: um indivíduo capaz de trazer a simplicidade do primitivo e da criança e ao mesmo tempo deter o poder de ser e dominar o tecnológico, o sofisticado, a inteligência do Século XXI.

4.2 Blog Adriana Zardini

O *weblog* **ADRIANA ZARDINI**, nome da professora-blogueira, encontra-se no endereço: <http://adrianazardini.blogspot.com/> . Apresentamos sua *home page*:

PESQUISAR BLOG *SINALIZAR BLOG Próximo blog» Criar um b

ADRIANA ZARDINI

Este blog pretende ser um portfólio digital onde farei uma coleção de pesquisas, apresentações, artigos, comentários, registros, opiniões, links... Enfim, registros de minhas pesquisas e interesses relacionados ao Ensino de Língua Inglesa e Tecnologia.

QUEM SOU EU

ADRIANA SALES ZARDINI
English Teacher.
VISUALIZAR MEU PERFIL COMPLETO

ASSUNTOS QUE JÁ PUBLIQUEI

- avaliação de software/site (4)
- Blogs (1)
- Comunidades Virtuais de Aprendizagem (1)
- Divulgação (5)
- Educação (3)
- Engenharia da Linguagem e Engenharia da Semiótica (1)
- Inglês (1)
- linguística aplicada (1)
- Livros (1)
- Minhas pesquisas (9)
- Penfriend (2)
- Posts aleatórios (1)
- software educativo (1)
- tecnologias (1)
- Viagens Acadêmicas (2)

Troca de Saberes
Segunda-feira, 31 de Março de 2008

Olá pessoal, é com orgulho que eu publico este post! Uma das colegas de lista (blogs educativos/edublogueiros) saiu na Revista Nova Escola do mês de Março e abaixo reproduzo o artigo para download no site:

Formação
Produção docente
Troca de saberes

Fez um projeto ou uma atividade bem-sucedidos? Escreva sobre eles e compartilhe com seus colegas da escola, do Brasil e do mundo

Hoje em dia, a produção de saberes é uma tarefa cada vez mais complexa. Isso se deve ao fato de que, além de lidar com a diversidade de saberes, o professor precisa lidar com a diversidade de saberes dos alunos. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Com o tempo, a troca de saberes tornou-se uma prática comum em muitas escolas. Isso se deve ao fato de que, além de lidar com a diversidade de saberes, o professor precisa lidar com a diversidade de saberes dos alunos. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Essa troca de saberes pode ser feita de várias maneiras. Uma delas é através de projetos em sala de aula. Outra é através de eventos como o "Troca de Saberes" que acontece em muitas escolas. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Essa troca de saberes pode ser feita de várias maneiras. Uma delas é através de projetos em sala de aula. Outra é através de eventos como o "Troca de Saberes" que acontece em muitas escolas. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Divulgar meus projetos
Se você tem um projeto bem-sucedido, compartilhe-o com seus colegas de escola, do Brasil e do mundo. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Produção docente
A produção docente é o processo de criação de saberes. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Troca de saberes
A troca de saberes é o processo de compartilhamento de saberes. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Formação
A formação é o processo de aquisição de saberes. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Produção docente
A produção docente é o processo de criação de saberes. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Troca de saberes
A troca de saberes é o processo de compartilhamento de saberes. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Formação
A formação é o processo de aquisição de saberes. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Produção docente
A produção docente é o processo de criação de saberes. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

Troca de saberes
A troca de saberes é o processo de compartilhamento de saberes. Isso é o que chamamos de "troca de saberes".

¹⁸ Ver <http://www.pitoresco.com.br/universal/miro/miro.htm>.

O *weblog* da professora Adriana Zardini é apresentado de forma diferente do anterior, pois declara a pretensão de fazer de seu **blog** um diário pessoal sobre seus estudos e assuntos de interesse, um “portfólio. Esta temática é observada também no endereço da Internet que possui como domínio o próprio nome da blogueira.

O portfólio é concebido como uma lista de trabalhos de um determinado profissional, segundo o dicionário Michaelis, o *blog* de Adriana Zardini constitui-se não só em diário pessoal, mas uma espécie de propaganda de seus trabalhos, atividades e ideias relacionados ao seu campo de atuação que é o Ensino em Língua Inglesa.

A priori observamos no layout produzido para o blog, um trabalho cuidadoso com a construção da imagem da blogueira e de seu espaço na internet por meio do entrelaçamento das linguagens verbal e não-verbal. O layout apresenta-se bem limpo, agradável, com contrastes de composição na imagem do cabeçalho, nas cores azul e vermelho dos títulos e links, que de certa forma declara os laços de identificação da blogueira, como por exemplo, com a língua inglesa, pois tais cores sutilmente podem sugerir identificação com os países de língua inglesa como os EUA, Inglaterra e Reino Unido que tem essas cores representadas em suas bandeiras. É a partir de alguns enunciados verbais e não-verbais que gostaríamos de levantar algumas suposições.

Iniciamos pela Imagem do cabeçalho, onde podemos identificar 4 enunciados: o primeiro a ser considerado como enunciado é o nome da professora - blogueira, o segundo um bloco de texto no alto da página na lateral esquerda, na lateral direita podemos considerar como terceiro enunciado não-verbal um aquário lotado de peixe e um aquário maior com apenas um peixe.

Os enunciados verbais e não-verbais da imagem do cabeçalho se organizam da seguinte forma: o nome da professora esta escrito na cor azul com uma tipologia tradicional, centralizado horizontalmente em relação a imagem deixando os outros três elementos constitutivos na parte de baixo. O bloco de texto localizado no alto da página, lado esquerdo descreve os objetivos do blog na cor laranja e em uma tipologia de letra (Verdana) diferente da tipologia do titulo do blog (Times New Roman). Podemos perceber também que o tamanho do bloco de texto dos objetivos é condizente ao tamanho do aquário que possui apenas um peixe.

Na diagramação geral do layout do *blog observamos que*, os elementos constituintes são como de qualquer página inicial de um *blog*, ou seja, o **cabeçalho**, **área de perfil** e **menu** e **uma área de conteúdo (post)**.



No cabeçalho, o título do *weblog* traz o próprio nome da professora Adriana Zardini em caixa alta, na cor azul e usa a fonte *Times New Roman* reforçando um aspecto tradicional. Em relação ao posicionamento, vê-se que está centralizado e vem antes do enunciado e da imagem. Nesta apresentação tipológica, observamos que a autora, para se identificar na área de perfil, usa um outro tipo de fonte: a fonte Verdana¹⁹, que não possui adornos (serifas).

Essa diferenciação na identificação do *blog* e de si pode representar dois momentos: o primeiro, com a letra *Times New Roman*, remete ao tradicional, é identificado à fonte da máquina de escrever; depois, com a fonte Verdana, que remete para a contemporaneidade, pois foi desenvolvida para ler especificamente no monitor. Dessa forma, podemos aludir a presença da função enunciativa (Foucault, 2007) que inserem os enunciados na heterogeneidade das práticas discursivas.

Na imagem temos dois aquários, o menor está lotado de peixes de mesma espécie e no aquário maior está o peixe²⁰ que conseguiu pular do aquário menor. Podemos observar dois elementos que colaboram para a construção do sentido, o aquário e o peixe.

¹⁹ Origem: A fonte verdana foi publicada em 1996 pela Microsoft e passou a ser distribuída em cada edição de seu sistema operacional Windows, no Microsoft Office e com o Internet Explorer (desta forma a fonte está difundida tanto em Windows quanto em Mac OS).

Características e uso: O projeto da fonte foi inspirado em tipografias humanistas famosas, como a Frutiger. Entretanto, existem algumas diferenças intencionais com aquela, pois a Verdana foi desenhada com o intuito principal de ser lida em tela (especialmente em tamanhos pequenos, de forma a adaptar-se relativamente bem aos textos corridos). Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

²⁰ O peixe da imagem, segundo o *Aquaonline*, site especializado em aquarismo, é um *Kinguio*, talvez o peixe mais popular do aquarismo. Esse peixe conhecido pelos mais diversos nomes, "kinguio", japonês, peixinho dourado etc, sem dúvida é uma figura marcante no nosso dia a dia. Descendente de uma espécie de carpa selvagem da China, o *kinguio* começou a ser criado no século IX, não demorando muito para tornar-se um animal de estimação dos chineses. Segundo o site "hoje, existem mais de 100 variedades desse peixe, que são comercializadas pelo mundo todo".

As imagens dos aquários aparentemente constroem uma situação narrativa, que pode ser interpretada e relacionada ao mercado de trabalho do professor na atualidade. O mercado parece encontrar-se saturado, exigente onde poucos conseguem se destacar e encontrar reconhecimento por seu trabalho e desempenho profissional.

O aquário, segundo a definição do dicionário Michaelis, é um vaso ou tanque, comumente de vidro, onde se sustentam plantas ou animais que vivem em água doce ou salgada. Não podemos descartar a relação com a prisão, pois estes seres são retirados de seu habitat natural. Assim, a metáfora pode ser a de que o professor que conseguir fugir da mesmice, do tradicional, e transpor os limites da tecnologia, será como o peixe que conseguiu um lugar de destaque, um “espaço” maior na sociedade da informação e da comunicação.

A professora-blogueira identifica-se com o peixe, uno, indivisível, livre, detentor do saber, que navega pelas águas da cibercultura, embora ela precise do outro, do grupo, no qual se espelha, do qual precisa para se reafirmar. Ela aplica-se técnicas para se conhecer melhor, técnicas de subjetivação, e transfere-se para a imagem do peixe e olha para ele como a mirar-se no espelho.

Poderíamos dizer ainda que o espaço aquário está em relação de transferência (Pêcheux) que marca o discurso de certas instituições, do mercado de trabalho, da situação dos professores na atualidade, do real e do virtual, entre outras identificações.

O blog de Adriana Zardini possui uma linguagem mais informal que o da **Leitura e Escrita na Escola**, há posts bem intimistas em que a professora-blogueira se coloca como uma profissional em processo de formação²¹ com angústias, dificuldades, encontro de soluções, assim o blog funciona como um espaço para confissão e desabafo. Tal prática discursiva intimista demonstra que os freqüentadores do blog funcionam como apoiadores e incentivadores para os momentos difíceis.

Entre os *posts* “perfil, troca de saberes, teachertube, Novas linguagens e novas tecnologias – Educação e Sociabilidade, Amostras dos emails escritos por alunos envolvidos no projeto Penfriend, Comunidades Virtuais de Aprendizagem, A

²¹ A autora do blog no momento da pesquisa encontrava-se em processo de desenvolvimento do mestrado na área de aprendizagem de língua inglesa e as novas tecnologias.

relevância das tecnologias de comunicação para os estudos, a professora-blogueira edita um chamado de “o dia depois de amanhã”, onde relata seus sentimentos e impressões depois de sua defesa de mestrado o qual reproduzimos mais abaixo os enunciados:

[dia depois de amanhã](#)

Quinta-feira, 19 de Março de 2009

Decidi colocar o título deste post sobre minha defesa de mestrado assim após sugestão de minha amiga Lília dos Anjos:

"O Dia Depois de Amanhã.... porque vc espera tanto que o dia chegue, que o dia que vem depois é onde a gente conta como foi né?"

No meu caso é a semana depois de amanhã! Me permitir ficar por uma semana sem blogar após a defesa para descansar, apesar de voltado ao trabalho no dia seguinte à defesa.

Abaixo apresento os slides da minha defesa e em seguida uma foto tirada logo em seguida o recebimento do título de mestre!

Como o sujeito-professor-blogueiro está pelo mundo e, muitas das vezes, sem condição de desenvolvimento, ligado à instituição que pouco colabora para a conquista de um espaço mais amplo, é preciso arriscar um salto, lançar-se em um novo mundo líquido e plural. O “dia depois de amanhã” é o dia em que a professora saltou de um aquário a outro, saiu de entre os iguais e passou a ser diferente, individualizada: “Decidi colocar o título deste post sobre minha defesa de mestrado” como “o dia depois de amanhã”. Para mirar-se no espelho, ela se objetiva, anuncia a defesa de sua dissertação no mestrado, coloca a foto do evento em que é a personagem principal, embora precisa do outro para confirmá-lo. Segundo Oliveira (2007, p. 8), o sujeito professor-blogueiro usa o blog como uma técnica de si, em que pode “ressignificar ou (re)criar e simular sua identidade de professor de acordo com o fluxo da situação ou das necessidades do momento” e entende que é por meio dessas ferramentas que “o sujeito da sociedade líquido-moderna pode tornar-se visível, reconhecido e brilhar nas telas mesmo que provisoriamente”.

4.3 Blog Blogica_mente, da professora Teresa Pombo Pereira, encontra-se no endereço: <http://blogicament.blogspot.com>, em que vemos sua página principal:

PESQUISAR BLOG | SINALIZAR BLOG | Próximo blog»

Blogica_mente

Terça-feira, Outubro 29, 2008

A minha semana

A minha semana vai ser marcada pelo regresso às aulas. Um regresso complicado nesta fase em que durmo muito pouco não só porque tento continuar a ter o desempenho anterior, com muito mais burocracia, mas também porque o F. insiste em ter umas insónias. Será normal num bebé de um ano e meio?

Os alunos continuam a responder bem, apesar das dificuldades, as aulas são muito participadas e os desafios aceites. Ontem foi tempo de publicação de dois filmes feitos por eles (coisas simples mas cujo conteúdo jamais esquecerão, decerto) e de dar o pontapé de saída para o projecto de escrita colaborativa para o qual arrastei duas maravilhosas colegas que conheci através da sua visita ao profteresa.net.

E há mais um ponto alto: a minha palestra no [1.º Congresso Tecnologias na Educação](#), uma iniciativa do [Grupo Blogs Educativos](#), com origem no Brasil, a que pertença há cerca de 3 anos. Um surpreendente e saboroso convite que veio do outro lado do Atlântico e que não pude recusar. E ainda bem. 1230 participantes num congresso totalmente *online* e assíncrono realizado através do Moodle. A minha palestra suscitou já algum interesse e tenho procurado responder o melhor possível às amáveis e interessantes questões.

★ Escrito por Teresa Pombo Pereira at 7:54:00 PM

Já opinaram (3) | Ref. (0)

<< Home

Este blog,

Blogicamente... começou por ser um registo, pelo menos semanal, das aprendizagens... das reflexões... realizadas a propósito da disciplina de CVA do Mestrado em Ciências da Educação (Tecnologias Educativas). Depois disso... tem sido... notas soltas do que me vai na alma e no coração.



Nome: Teresa Pombo Pereira
Origem: Portugal
Quem sou eu: professora... apaixonada pela profissão, pela vida... curiosa, orgulhosa, vaidosa também...

★ [Veja o meu perfil completo](#)

BOOKMARK | 

re:da:gr CARD

A professora-blogueira Teresa Pombo Pereira, portuguesa, é membro do *blogger* desde 2004. Nasceu em Lisboa, em 1970 e descreve em seu site pessoal (<http://www.profteresa.net>) que, durante os primeiros nove anos da sua vida profissional, o seu nome “tinha sido outro mas... para não existirem 2 nomes iguais, rapidamente optou pelo penúltimo apelido”. E “verdade seja dita”, passou a “acolher com um sorriso cada jogo de palavras, pois sentia que era carinho o que estava por trás”.

O blog *Blogica_mente*, segundo a blogueira, tem objetivos relacionados à sua carreira profissional e sentimentos que brotam de sua prática como profissional, como podemos perceber nos grifos encontrados no item “perfil”:

Quem sou eu: professora... apaixonada pela profissão, pela vida... curiosa, orgulhosa, vaidosa também...

Nesse enunciado, percebe-se que o sujeito fala de lugares enunciativos, o de professora, o de mulher. Ao refletir sobre o sujeito e a alteridade, Coracini (2003, p. 239) coloca como pressuposto básico que a subjetividade se constrói no outro e pelo outro e é flagrada por identificações de vários tipos.

Foucault (2006b) entende que falar faz com que assim seja: ao falar

sobre si, o indivíduo constrói a si próprio, porque constrói a própria identidade naquele ato de fala.

Este blog,

Blogicamente... começou por ser um registo, pelo menos semanal, das aprendizagens... das reflexões... realizadas a propósito da Disciplina de CVA do Mestrado em Ciências da Educação (Tecnologias Educativas). Depois disso... tem sido... notas soltas do que me vai na alma e no coração.



Nome: Teresa Pombo Pereira
Origem: Portugal
Quem sou eu: professora... apaixonada pela profissão, pela vida... curiosa, orgulhosa, vaidosa também...

★ [Veja o meu perfil completo](#)

A professora descreve também as razões profissionais que a instituíram como blogueira, no entanto ressalta que “permitirá que sentimentos provindos desta prática farão parte dos posts”, no comentário:

Este blog, Blogicamente... começou por ser um registo, pelo menos semanal, das aprendizagens... das reflexões... realizadas a propósito da Disciplina de CVA do Mestrado em Ciências da Educação (Tecnologias Educativas). Depois disso... tem sido... notas soltas do que me vai na alma e no coração.

O sujeito de discurso parece ter consciência de que é um ser dividido. Coracini (2003, p. 240) lembra que “a identidade é o que, em princípio nos diferencia dos outros” e que essas diferenças, porém, pressupõem um arrolamento de características estáveis que nos dão a ilusão da unidade e da estabilidade.

O layout da página, como observado nos demais blogs analisados segue as características padrão de organização, no entanto inúmeros são os enunciados encontrados na área de “perfil”, que demonstram sua imersão e relacionamento com as ferramentas de interação, filiações como por exemplo o *banner* que a coloca como membro de uma “escola 2.0” e um outro como membro do “diretório internacional de *edubloggers*”:



Podemos observar que a blogueira afirma que deixa comentários nos blogs que visita e de certa forma cobra os comentários de seus visitantes. Outro aspecto interessante deste perfil é um *banner* para “fans”, um aplicativo que gera uma linha de “programação” para que o *banner* seja inserido em outros blogs. Isso é possível porque o “Blogicamente” pode habitar outros espaços discursivos, de alunos, ex-alunos professores e afins, ou seja, a blogueira possui sua própria rede, adeptos e simpatizantes.

Nos comentários de seus *posts*, percebe-se esta dinâmica de visitantes, e de como interagem, por meio da própria recusa de comentários, ou seja, a resposta ao comentário também é um comentário:

Linda foto... diria até perfeita!!! Um grande beijinho. tenho saudades vossas.

Ps.: Hoje tive reuniam de lançamento de PAP's. De amanhã a oito tenho reuniam com profes e a coordenadora de curso. Estou em panico porque nao me surge nada... quem me dera ter tudo na cabeça como a teresa... :S
beijinho grande
Filipa | 23.09.08 - 6:51 pm | #

Olá Filipa! tb temos saudades Adorei a ideia, linda. Que tal usares as TIC?
Estava a pensar em algo com o voicethread.com..... leitura.... som....

entretanto vou enviar-te um convite para uma comunidade de profissionais ligados às TIC. Temos uma secção sobre Necessidades educativas onde a colega Isabel Ribeiro tem sido excelente dinamizadora. Vou falar-lhe em ti. A comunidade é a INTERACTIC. Beijos.

Teresa | Homepage | 23.09.08 - 9:13 pm | #

No primeiro enunciado, a sensação de insegurança, de incompetência incorporada e internalizada pelo professor, vê-se ampliada diante do desenvolvimento tecnológico que parece não apenas vir substituir as funções do professor, mas cumprir melhor a tarefa que lhe foi sempre atribuída: a de ensinar e motivar o aluno: “Estou em panico porque nao me surge nada”; daí o pedido de socorro para o outro, em quem se espelha: “quem me dera ter tudo na cabeça como a teresa...”.

E o que a “teresa” tem na “cabeça”, está no segundo enunciado, é o discurso das novas tecnologias, o domínio das competências para usar dos dispositivos (como “o voicethread.com”) disponíveis ao homem contemporâneo que podem aumentar o seu poder sobre os outros.

Essa prática discursiva pode ser compreendida como a forma pelo qual o professor-blogueiro quer ser visto, como um professor seguro de si, competente, jovem, dinâmico, descontraído, que domina as novas tecnologias, enfim, um professor contemporâneo e feliz.

Observa-se pelos títulos e respectivos conteúdos de seus *posts* que a blogueira relaciona-se com o blog mais como um diário do que como ferramenta de ensino-aprendizagem, ou seja, aparentemente não há uma seqüência preestabelecida para “post”, e com isso parece estabelecer na verdade um diálogo com o dia a dia, como lemos no comentário:

A minha semana, Genial, Se escrevesse hoje, em busca de motivação e entusiasmo, Mudança de paradigma, Coração aos pulos cabeça a mil, Adorei esta aula. Stora!, Taditos???!?!?!?!?! [Há] algo de bom em tudo que eu vejo.

Assim, no post, o enunciado “[Há] algo de bom em tudo o que vejo”, corrobora com a afirmação de Foucault, que nenhum enunciado é livre, neutro, mas integrado a um jogo enunciativo:

Este é um dos motes da minha vida e, curiosamente, fui hoje encontrá-lo no meio de uma das letras de um dos sucessos dos ABBA. São 00h25 e acabo de regressar do cinema onde vi um filme extraordinário. Sorri, ri, dei gargalhadas até às lágrimas e também chorei de emoção. Tive de me conter para não desatar a dançar no corredor da sala, algo que decerto muitos fariam a seguir.

Recomendo o filme MAMMA MIA. Vivamente! A Mery Streep merece outro Óscar e o Pierce Brosnan está uma delícia. E não estou a falar metaforicamente, meninas ;)! As músicas dos ABBA receberam ótimos arranjos e o argumento do musical encaixa-as na perfeição...

A professora se coloca solitariamente na imersão digital, e dialoga com seu diário enquanto outros vão dançar. Em consonância com o conceito de discurso para a AD, no que se refere as escolhas lexicais que os sujeitos do discurso fazem revelam filiações ideológicas, escolhas, historicidade, dispersão, que interagem, revelam a presença de outros discursos. Essas formações discursivas revelam a posição de um sujeito ou de grupos de sujeitos em relação a um determinado tema em uma dada situação histórica.

Percebe-se um sujeito fragmentado e heterogêneo, que espera de seus interlocutores a admiração pelo sujeito virtual que ele inventou e apresenta.

A experiência de autoconhecer do sujeito tem como suporte um repertório e um sentido de propriedade que vão adequando não apenas o que há para ver em si mesmo, mas o que é preciso reformular para ajustar-se ao que é esperado dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando responder as questões que nortearam esse trabalho sobre quem seria o professor-blogueiro que se apresenta e se constitui nas ferramentas virtuais dos weblogs educativos, percebemos em suas práticas discursivas um sujeito-professor-blogueiro atravessado por muitas vozes, advindas de várias formações discursivas presentes nas instituições como família, escola, o discurso de formação, aperfeiçoamento. Essas formações seriam a da tradição, em que o professor é o detentor do saber, centro da atenção, e a das novas tecnologias em que o professor é responsável por sua formação e pelo seu próprio sucesso com seus alunos. Os sujeitos deixam transparecer a constituição de identidades atravessadas por formações discursivas que lhes regulam “o que pode e o que deve ser dito” (PÉCHEUX, 1998).

A preocupação, durante a investigação, foi responder ‘como’, ‘de que modo’, segundo Foucault (2006b), esses sujeitos são fabricados. Para ele, o sujeito é sempre o resultado de uma prática, ou seja, o sujeito é sempre fabricado. Neste caso, os sujeitos professores-blogueiros constroem-se a si próprios ou a imagem que têm de si mesmos, “tomam conta de si”, têm “cuidado consigo”, “preocupam-se, cuidam de si” mesmos, nos seus *weblogs*, como se fossem cadernos virtuais de notas e precisam do ‘outro’, os edublogueiros, para ‘ouvi-los’. Divulgam-se por meio do blog, realizando um marketing que tanto faltou ao professor.

Podemos afirmar, depois da análise, que o sujeito professor contemporâneo está vivendo um período de desconstrução da noção de identidade unificada, estável, que a memória discursiva sobre ‘ser professor’ lhe traz. Por isso, compreende-se o pensamento de Hall (2002, p.12) quando diz que, ao tornarem-se mais provisórios e variáveis os processos de identificação dos indivíduos com outros de sua cultura, e de outras culturas, o sujeito contemporâneo “está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”. As novas tecnologias da comunicação e da informação colaboram para o desejo desse novo modo de ser, de viver, de pensar e agir. Facilita a linguagem imagética e com isso os discursos não-verbais.

Percebemos que o professor apresenta-se em conflito, pois tem instalado em seu imaginário discursos que naturalizam as novas tecnologias, e

exigem dele um bom desempenho pedagógico, despertando-lhe o desejo de dominá-las, ser incluído digitalmente, mas ao mesmo tempo, encontra-se angustiado diante das dificuldades. Ele se vê questionado pelo poder legitimado do saber, embora este lhe seja atribuído pelo imaginário social.

A prática discursiva dos blogs cria um simulacro de uma rede de professores que Levy chama de Inteligência coletiva, no entanto na prática não se percebeu um aprendizado efetivo, nem uma discussão crítica das temáticas propostas em cada post. Os edublogueiros são um grupo privilegiado por possuírem acesso à internet, o que não significa que dominem as ferramentas da *web*, mas acreditam que ao pertencerem a esse grupo, podem adquirir o domínio. Percebe-se, entretanto, um aspecto, na questão mercadológica de visibilidade, mais do que questões educacionais, como entende Oliveira (2007, p.9) e “isto se observa nas várias maneiras de marketing, que articulam troca e se auto-divulgam, cria-se um social –ideológico que se concretiza e se identifica”.

Considera-se, por outro lado, que o professor-blogueiro é o sujeito dividido, heterogêneo em sua constituição, atravessado pelas várias vozes que lhe chegam pela memória discursiva, mas a oportunidade de usar o *weblog* como uma técnica de si para narrar-se, como personagem central da história e conhecer-se, pode levá-lo a compreender melhor o que se tem chamado de homem contemporâneo.

GLOSSÁRIO

B

Blog

Forma abreviada de weblog.

Blogueiro

Pessoa responsável pela atualização e manutenção de um blog, ou seja, o seu autor.

Blogosfera

O universo e a cultura dos weblogs. Comunidade de blogs.

Browser (pesquisador)

Programa que permite o acesso a páginas na web.

Banner

O banner é a forma publicitária mais comum na internet, muito usado em propagandas para divulgação de sites na Internet (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Banner>).

C

Ciberespaço

O termo foi criado pelo escritor William Gibson e inspirado no estado de transe em que ficam os aficionados de videogame durante uma partida. A palavra foi utilizada pela primeira vez no livro Neuromancer, de 1984, e adotada desde então pelos usuários da Internet como sinônimo de rede. Mundo virtual, onde transitam as mais diferentes formas de informação e onde as pessoas que fazem parte da sociedade da informação se relacionam virtualmente, por meios eletrônicos.

Cibermídia

Conjunto de mídias digitais existentes.

Comunidade virtual

Grupos de pessoas que se interligam entre si por meio de uma complexa rede informática (que obedece a uma estrutura rizomática, na qual não se identifica um princípio nem um fim), e não por intermédio de laços circunscritos aos limites de um espaço físico.

D

Domínio

Numa rede como a Internet, o segmento final de um endereço eletrônico (q. v.), que identifica a rede local, a instituição, ou o provedor de acesso do servidor.

F

Fórum de discussão

é uma ferramenta para páginas de Internet destinada a promover debates através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão.

H

Hiperlink

Ver link.

Hipertexto

Um hipertexto é um tipo de documento que permite leitura não linear onde o leitor dispõe de flexibilidade para escolher sua própria seqüência, de acordo com seu interesse ou necessidade. Como o próprio nome diz, é algo que está numa posição superior à do texto, que vai além do texto. Dentro do hipertexto existem vários links, que permitem tecer o caminho para outras janelas, conectando algumas expressões com novos textos, fazendo com que estes se distanciem da linearidade da página e se pareçam mais com uma rede. Na Internet, cada site é um hipertexto. Clicando em certas palavras vamos para novos trechos, e vamos construindo, nós mesmos, uma espécie de texto.

I

Internet – rede mundial que permite a conexão entre computadores.

L

Link

Elo, cadeia, interligação. Ligações do hipertexto. Palavras, frases ou imagens que uma vez selecionadas ordenam ao browser o acesso a outras partes do mesmo texto ou ainda a outros documentos da rede.

O

On-Line

Diz-se que um computador ou outro equipamento está on-line quando está conectado a Internet ou está pronto para receber informações de outro ponto na rede.

P

Post

Postagem, atualização de um blog.

S

Sociabilidade

Do Latim sociabile, sociável; s. f., qualidade do que é sociável; tendência, propensão para a vida em sociedade; urbanidade. Conjunto de inter-relações estabelecidas entre os actores sociais.

Software – programa de computadores.

T

Template – no inglês padrão, modelo; é a apresentação estética do blog.

W

Web

Vide WWW

Weblog

Página pessoal na Internet atualizada com muita regularidade e organizada cronologicamente.

Webpage

Página na web.

WWW (World Wide Web)

O conjunto de servidores de informação, em regime de conectividade, que segue os princípios do hipertexto, se denomina “www”, ou seja, world wide web, web no sentido de teia, rede (ARAÚJO, 2005).

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas. UNICAMP/IEL, n.19, 1990, p.25-42.
- BARBOSA, Elisabete; GRANADO, Antônio. **Weblogs** – Diário de Bordo. Porto: Porto, 2004.
- BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. **Educação e Sociedade**, Campinas – SP, V.25, n. 89, p. 1181-1201, set./dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 10 fev.2008.
- BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRAIT, B.(org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CASTILHO, Carlos. **Internet gera um novo leitor e novos desafios para o público**. Disponível em: http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id_blog=2&id={25E99C52-601A-402D-9464-C602B88C8CF1}&data=200702>. Acesso em: 26 fev. 2007.
- CORACINI, Maria José R. F. (org.) **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.
- CORACINI, M. J. R. F. **Pós-modernidade e novas tecnologias no discurso do professor de língua**. Alfa, São Paulo, 50 (1): 7-21, 2006. Disponível *online* em: www.alfa.ibilce.unesp.br. Acesso em 05 mai 2009.
- DAMASCENO, Anielle. **Webdesign: Teoria & Prática**. 2ª imp. – Florianópolis: Visual Books, 2003.
- DEITEL, H.M. Internet & World Wide Web, como programar / H. M. Deitel, P.J. Deitel e T.R. Nieto; trad. Edson Furmankiewicz. – 2. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2003

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**. Nov. 2001, n.114, p. 197-223. ISSN 010001574.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 out. 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006a.

_____. **Ética, Sexualidade, Política**. Michel Foucault: organização e seleção de textos Manuel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Aufran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. (Coleção Ditos e Escritos V).

_____. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *Subjetividade e verdade*. In: **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Daher e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 107- 115.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. As Técnicas de si. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. In: **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, v. IV, 1994. p. 783-813. Disponível em : <www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/techniques.html>. Acesso em: 10 dez. 2006.

GATES, Bill. **A empresa na velocidade do pensamento**: com um sistema nervoso digital / Bill Gates; tradução Pedro Maia Soares, Gabriel Tranjan Neto; assessoria técnica Sylvia Meraviglia Crivelli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da Análise de Discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

_____. Bakhtin, Foucault e Pêcheux. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e práticas de escrita sobre si na internet. In.: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In.: SILVA, T. T. (Org.) **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004. (não foi citado)

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAGALHÃES, Isabel; GRIGOLETO, Marisa; CORACINI, Maria José. (Org.) **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2006.

NIEDERST, Jennifer. **Aprenda Web design**. Rio de Janeiro: editora Ciência Moderna Ltda., 2002.

OLIVEIRA, Maria Regina M. **Weblogs educativos: práticas discursivas rompendo fronteiras e aproximando culturas**. Disponível em: http://www.mestradoemlinguistica.unifran.br/2008/producaoCientifica/ABRALIN_2009 Acesso em jul. 2009.

OLIVEIRA, Maria Regina M. **Edublogs: práticas educacionais e discursivas na cibermídia**. In.: **Anais...** do II Encontro Nacional sobre Hipertexto. Universidade Federal do Ceará. 2007. Disponível em: http://www.ufpe.br/nehete//hipertexto2007/anais/ANAIS/Art55_Momesso.swf. Acesso em: 10 mar. 2008.

_____. **Práticas de discurso e de leitura em blogs jornalísticos**. In.: NASCIMENTO, Edna M. F.; OLIVEIRA, Maria Regina M.; LOUZADA, Maria Silvia O. (Orgs). **Processos enunciativos em diferentes linguagens**. Franca: Editora Unifran, 2006.

_____. **Weblogs: a exposição de subjetividades adolescentes**. In.: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs). **Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998.

_____. Análise automática do discurso: (AAD-69). In: GADET, F & HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a, p. 61-105.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F e HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997b, p.163-252.

PÊCHEUX, Michel. Análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997c, p. 311- 318.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

ANEXO

A Educação, pelos olhos

NOVA ESCOLA e Ibope entrevistaram professores de redes públicas de todo o país e concluíram: eles amam a profissão, mas só 21% estão satisfeitos com ela. E, apesar de classificarem a formação inicial como excelente, reconhecem não estar preparados para a realidade da sala de aula



PAOLA GENTILE paola.gentile@abril.com.br

Colaborou PATRÍCIA CASSI

53% expressam amor pela carreira

14% acreditam preparar o aluno para o futuro

21% estão satisfeitos com a profissão

vista do professor

Você conhece bem esta realidade: o professor adora a profissão, mas não está satisfeito com ela. Sabe que é parte de sua função preparar os alunos para um futuro melhor e gosta de ver as crianças aprendendo, porém se resente por ter de providenciar a Educação global (valores, hábitos de higiene etc.) que a família não dá. NOVA ESCOLA e Ibope conversaram com 500 professores de redes públicas em todas as capitais brasileiras e os números são muito reveladores da situação em que se encontram nossos educadores.

- 53% têm no amor à profissão sua principal motivação.
- 63% trabalham no que gostam.
- 83% têm consciência da importância da profissão de professor.
- 80% já participaram de cursos de capacitação depois de formados.

Ao mesmo tempo, muitos se queixam do trabalho duro e (o pior) não reconhecido pela sociedade.

- 63% relatam viver em nível significativo de estresse.
- 48% sentem falta de mais segurança contra a violência.
- 54% estão descontentes com os benefícios, 47% com o salário e 47% com a sobreposição de papéis (em relação à família dos alunos).
- 21% estão satisfeitos com a profissão (um número assustador: em pesquisas simila-

res o índice oscila entre 40 e 60%, chegando a 80% em algumas áreas que podem ser chamadas de privilegiadas).

A pesquisa foi feita com o objetivo principal de investigar como os professores brasileiros se relacionam com o trabalho, os alunos e a escola e de que forma eles enxergam o futuro da profissão. Nesta reportagem, você vai encontrar diversos números – e também uma análise muito especial para refletir sobre alguns desses dados. Para debater os resultados obtidos, NOVA ESCOLA convidou um grupo de educadores de diferentes áreas, todos com contato direto com a sala de aula e com a formação inicial e continuada dos nossos docentes. São eles: Celso Favaretto, filósofo da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Lino de Macedo, pedagogo do Instituto de Psicologia da USP, Luis Carlos de Menezes, do Instituto de Física da USP, Maria Cristina Mantovanini, psicopedagoga do Instituto Vera Cruz, em São Paulo, Sônia Kruppa, socióloga da USP e da Fundação Santo André, Telma Weisz, especialista em Psicologia da Aprendizagem e assessora pedagógica da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, e Vera Trevisan, psicóloga da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Base frágil

As três maiores surpresas da pesquisa apareceram justamente nas questões sobre a relação do professor com seu público-

alvo e com o ambiente de trabalho.

■ Os alunos são vistos como desinteressados e indisciplinados e são percebidos, junto com a família, como os principais problemas da sala de aula. “Quando o profissional não se sente capaz de cumprir sua tarefa – no caso, planejar, ensinar e fazer com que a maioria adquira conhecimento –, tende a responsabilizar fatores externos, apontando justamente para os lados mais frágeis do sistema”, afirma Maria Cristina Mantovanini.

■ A formação inicial é apontada pela maioria como “excelente”. Mas, ao mesmo tempo, reconhecem não estarem preparados para o dia-a-dia dentro da sala de aula. “Como a relação entre a motivação e a prática de ensino quase não aparece, muitos provavelmente não se dão conta de como a graduação foi inefi- ➤

A pesquisa

- **AMOSTRA** 500 professores das redes públicas municipais, estadual e federal
- **IDADE** De 25 a 55 anos
- **TÉCNICA DE PESQUISA** Entrevistas individuais, com questionário estruturado, realizadas de 20 de junho a 19 de julho de 2007
- **DISTRIBUIÇÃO REGIONAL**
 - 50% Sudeste
 - 21% Nordeste
 - 11% Norte
 - 10% Centro-Oeste
 - 8% Sul

► ciente”, observa Telma Weisz.

■ As secretarias (municipais e estaduais) de Educação e o Ministério da Educação praticamente não aparecem como atores importantes da realidade do Magistério. É igualmente preocupante porque essas instituições deveriam ser as provedoras não só das políticas públicas mas também de toda a infra-estrutura e das condições gerais para que a aprendizagem ocorra. “O professor não se enxerga como parte do sistema e, por isso, se sente tão sozinho na difícil tarefa de ensinar”, enfatiza Sônia Kruppa.

DE QUEM É A RESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO RUIM?

Uma das perguntas do questionário tinha 23 itens. Entre eles, a falta de didática e de metas de aprendizagem. Mas, na hora de listar os principais problemas do dia-a-dia dentro da sala de aula, os 500 professores entrevistados colocaram os seguintes três: a não-participação dos pais no dia-a-dia da escola, a desmotivação dos alunos e a indisciplina dentro da classe (e o primeiro está fora da sala).

Por que a família é vista tão mal? Ao comparar a escola pública com a particular, os professores dão algumas pistas: 72% dizem que quem leciona na rede pública faz também o papel de assistente social, enquanto apenas 3% apontam que quem está na privada tem essa mesma função (será mesmo?). O termo mais usado é sobreposição. Para 25% da amostra, “a escola está no lugar da família”. E outros 38% reforçam que, na escola pública, “o professor não ensina, mas ajuda o aluno a sobreviver”. Em outra resposta, 64% afirmam que o nível socioeconômico das crianças intervém no aprendizado (negativamente, no caso da pública, e positivamente, no caso da particular).

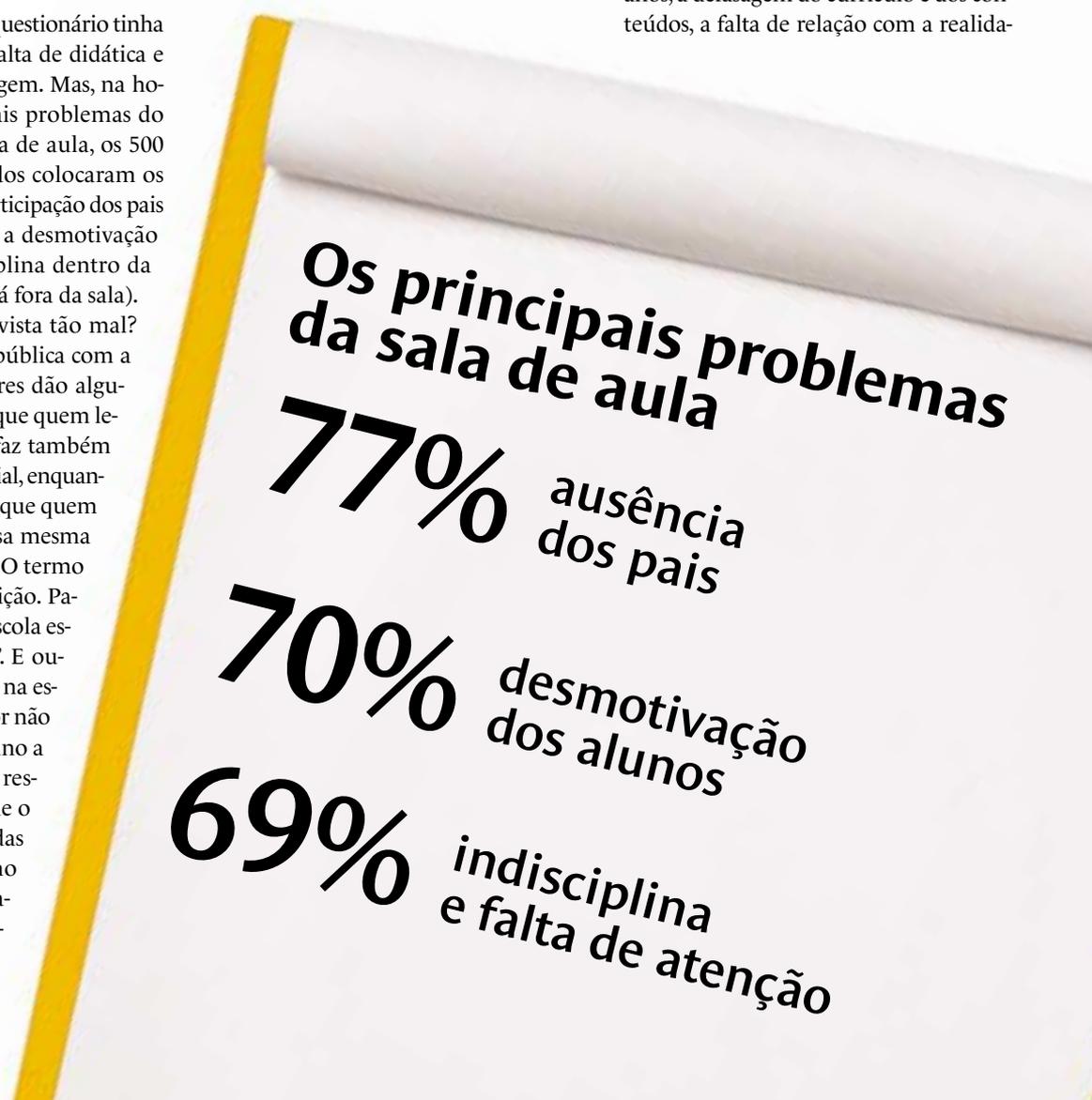
As causas do problema

“Durante décadas, o professor montou uma representação-padrão de estudante, projetando o desejo de que ele venha de casa educado, com os parentes providenciando todos os requisitos básicos para que eles convivam em sociedade e aprendam. Esse quadro não existe”, diz Lino de Macedo. Da mesma forma, é fictícia a concepção de família ideal. Pai e mãe trabalham fora e nem sempre moram na mesma casa – e os dois fatores levam à diminuição do tempo dedicado às crianças e, com isso, dos momentos de “formação doméstica”.

A tendência é fazer, inconscientemente, o que Luis Carlos de Menezes chama de enquadramento social: “A ampliação

da escolarização no Brasil fez com que crianças e jovens de comunidades antes excluídas entrassem no sistema. Equivocadamente, o professor acha que a origem cultural do garoto e da mocinha os impede de aprender. Além disso, como não quer assumir a função de formá-los, ele desiste de ensinar”. Houve consenso entre os debatedores: não é a família que tem de ser responsabilizada pelo insucesso da garotada, mas a escola, que precisa rever sua missão e seu projeto pedagógico para atender a todos, com ou sem problemas socioeconômicos.

Além das transformações sociais, existem as culturais, políticas, econômicas e tecnológicas – que, de maneira geral, a escola não acompanha. Ao longo dos anos, a defasagem do currículo e dos conteúdos, a falta de relação com a realidade



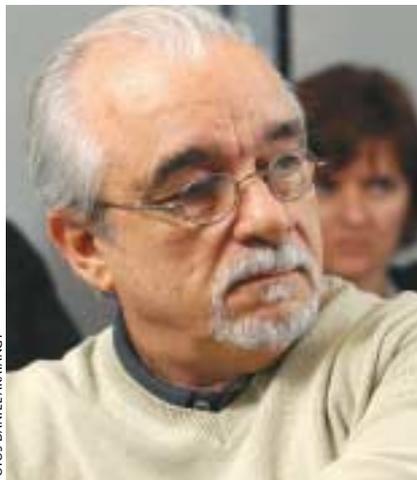
de e uma série de outros fatores tiveram reflexos na não-aprendizagem. O professor acredita que sua responsabilidade sobre a Educação é muito grande, mas as notas ruins nos testes de avaliação levam a sociedade a repetir que o ensino vai mal. “Sentindo-se impotente, ele procura causas externas, criando uma situação que o prende: já que não pode mudar a família do aluno, ele acha que não é possível ensinar”, analisa a psicopedagoga Maria Cristina Mantovanini.

Para refletir

Sim, a participação da família é fundamental para que a criança se desenvolva como estudante. Por isso, ela deve ser motivo de preocupação. “Não dá para correr atrás de resultados de ensino sem pensar em reeducar os pais, que não conhecem a proposta pedagógica da escola, o que ela oferece aos filhos e como eles aprendem”, diz Maria Cristina. Reuniões de pais e atividades conjuntas nos fins de semana podem ser planejadas especialmente para promover essa integração.

Uma saída é conscientizar-se de que o novo papel do professor inclui atender o aluno que não vem pronto de casa para adquirir conhecimento. Lino de Macedo acredita que, ao perceber que a sociedade mudou e que agora é preciso fazer isso, sem esquecer de ensinar conteúdos, você se preocupa também em dar o exemplo. Assim, a angústia diminui: “Com menos ressentimento, fica mais fácil aproximar-se, melhorar a relação com o estudante e, em consequência, as condições de aprendizagem”.

Em conjunto, redes de ensino, direção e corpo docente deveriam estar preocupados com a definição do currículo. “Ninguém vai se sentir motivado a conhecer algo que não tem relação nenhuma com a vida”, ressalta Menezes. “É necessário levar para a escola a cultura da comunidade e voltar a prática para a formação total do aluno. O que não dá é ficar esperando que ele saia correndo atrás dos conteúdos para dominá-los.” Outro caminho para diminuir a tal desmotivação é deixar de lado o vício pedagógico de ➡



FOTOS DANIEL ARATANGY

“As crianças são curiosas por natureza, mas só aprendem se tiverem espaço para a participação. E isso só existe quando há conversa, fala e argumentação e não um ambiente de apatia.”

Luis Carlos de Menezes
Colunista de NOVA ESCOLA

“A sociedade mudou e, hoje, o papel de quem está à frente de uma sala de aula também é educar e dar carinho. Se todos perceberem que isso existe – e não é um bicho-de-sete cabeças –, a angústia diminui.”

Lino de Macedo
Professor da Psicologia da USP



“Sentindo-se impotente, o professor procura as causas em fatores externos e cria uma situação que o prende: já que não pode mudar a família do aluno, ele acha que não é possível ensinar.”

Maria Cristina Mantovanini
Psicopedagoga do Instituto Vera Cruz



► buscar sempre a passividade do educando: “As crianças são curiosas por natureza e gostam de fazer perguntas, mas elas só aprendem se tiverem espaço para a participação. E isso existe quando há conversa, fala, movimentação e argumentação e não um ambiente de apatia”, resalta Menezes (*leia mais na coluna Pense Nisso, na página 90*).

Nunca é demais lembrar que só consegue motivar quem conhece (e utiliza) boas práticas de ensino. Chegamos assim à segunda contradição apontada pela pesquisa: o professor acha que foi bem formado, mas acaba admitindo não estar preparado para o dia-a-dia em classe nem saber como enfrentar os problemas da sala de aula, como o famoso desinteresse e a não menos decantada indisciplina.

POR QUE A FORMAÇÃO NÃO PREPARA PARA O DIA-A-DIA?

A maioria dos entrevistados não tem dúvida: para 64%, a formação inicial foi excelente. Porém 49% reconhecem que não estão preparados para a realidade da sala de aula. E isso porque 90% se declaram satisfeitos com a própria didática. Contraditório, não? O simples fato de frequentar uma universidade e ter a chance de ler, estudar e debater as teses de grandes nomes da Pedagogia mundial é, sem dúvida, uma experiência interessante. No entanto, é possível que muitos professores não questionem a qualidade desses cursos. Estudar as teorias de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon, entre

muitos outros, é fundamental, mas não basta. A capacitação inicial tem variadas (e complexas) dimensões e a faculdade é o primeiro lugar para um profissional se apropriar das ferramentas para ensinar – e, com isso, poder enfrentar as dificuldades do dia-a-dia na escola (como a desmotivação, a indisciplina e as diferentes realidades sociais e culturais dos alunos). O que não dá é para não aceitar essa realidade.

As causas do problema

Só recentemente as faculdades de Educação e Pedagogia começaram a se preocupar com as especificidades da formação docente. Por muitos anos, tanto os futuros professores como os futuros diretores, orientadores e supervisores rece-



“Já passou da hora de os coordenadores pedagógicos assumirem sua responsabilidade pela qualidade do ensino na escola. Eles precisam se colocar no papel de formadores do corpo docente.”

Regina Scarpa
Consultora pedagógica da FVC



“Sem explorar e ensinar corretamente as didáticas específicas, é como se as faculdades vendassem o futuro professor e o soltassem no mundo. É óbvio que, nessa situação, não dá para saber o que fazer.”

Telma Weisz
Especialista em Aprendizagem



“A maioria dos cursos de formação continuada não leva em conta as necessidades cotidianas do professor. É por isso que fica a sensação de que nada se resolve depois de frequentá-los.”

Vera Trevisan
Professora da Psicologia da PUC

biam os mesmos conteúdos. Os especialistas reunidos por NOVA ESCOLA concordam: as didáticas específicas de cada área deveriam ser a principal matéria-prima dos cursos de formação inicial. O currículo deveria ter por obrigação contemplar a didática da alfabetização, a da Matemática, a da leitura e da escrita, a das Ciências e assim por diante. Dentro de cada uma delas estariam os conteúdos, os processos de aprendizagem (que envolvem o conhecimento sobre como as crianças transformam informação em saber e o que elas pensam quando estão em contato com os problemas escolares) e, claro, as intervenções pedagógicas mais adequadas para garantir que todos aprendam.

“Sem explorar e ensinar corretamente as didáticas específicas, é como se as faculdades colocassem um lenço nos olhos e vendassem o futuro professor e o soltassem no mundo. É óbvio que, nessa situação, não dá para saber o que fazer”, afirma Telma Weisz. Na opinião de Regina Scarpa, só a certeza de dominar os conteúdos e as melhores maneiras de ensiná-los fará com que o educador enfrente com tranquilidade a dura realidade da sala de aula: “Toda criança gosta de aprender de maneira desafiadora”.

O problema persiste quando os cursos de capacitação continuada, em vez de oferecerem atualização nas áreas específicas, tentam suprir as deficiências da faculdade. Segundo a pesquisa, 48% dos entrevistados acreditam que esses programas interferem positivamente no ensino e o surpreendente índice de 80% disse já ter participado de algum curso desse tipo. Mas nem por isso se sentem mais preparados para a rotina escolar. “A maioria dos cursos de formação continuada não leva em conta as necessidades cotidianas do professor. É por isso que fica a sensação de

Aprender para ensinar

64% avaliam a formação inicial que tiveram como excelente ou muito boa

49% admitem que a formação os preparou pouco para a realidade da sala de aula

80% já participaram de algum curso de formação continuada

90% estão satisfeitos com a própria didática

TATIANA CARDEAL

que nada se resolve depois de frequentá-los”, analisa Vera Trevisan.

Para refletir

A mudança de foco dos cursos de formação inicial é um processo longo, mas nem por isso pode ser esquecida pela catego-

ria. Num prazo menor, dizem os analistas, o ideal é apoiar-se mais fortemente na coordenação pedagógica. Os próprios entrevistados começam a perceber isso: 21% acreditam que a coordenação colabora muito, e 42%, o suficiente para melhorar o ensino. Porém 34% ainda se sentem desamparados, dizendo ter pouco ou nenhum apoio. “Já passou da ho- ➤

➡ ra de os coordenadores pedagógicos assumirem sua responsabilidade pela qualidade do ensino na escola. Eles precisam se colocar no papel de formadores do corpo docente”, exige Regina Scarpa.

Organizar momentos de formação em serviço (nos horários de trabalho pedagógico coletivo), com troca de experiências e reflexão sobre a prática, é muito eficiente para resolver problemas cotidianos. A formação de grupos de trabalho preocupados em melhorar as ações em sala de aula é viável e necessária. Já para aperfeiçoar os cursos de formação continuada, uma saída é chamar os alunos em potencial para ajudar na elaboração do programa, pois só eles conseguem expor suas necessidades. Vera Trevisan alerta ainda para a importância de haver uma pessoa que coordene essa formação, principalmente quando um pequeno grupo é convidado a participar – para depois socializar o aprendizado com os colegas.

Infelizmente, quem está à frente da sala de aula não tem poder sobre as políticas públicas e a definição de rumos da Educação – nos sistemas municipais, estaduais e federal. O problema, como veremos a seguir, é que essas entidades estão cada vez mais distantes do discurso do professorado brasileiro.

CADÊ O ESTADO? NINGUÉM SABE, NINGUÉM VIU...

As pesquisas revelam muitas informações pelo que é dito, mas também pelo não dito. Um dos tópicos que mais chamaram a atenção dos analistas foi a ausência do Estado (Ministério e secretarias estaduais e municipais) quando o assunto é qualidade do ensino e quem é responsável por isso. Ele só aparece enquanto empregador (aquele que paga salário e benefícios e proporciona estabilidade no emprego e liberdade de ação em sala de aula – o que significa não cobrar resultados). O curioso é que os entrevistados não vêem no poder público o papel de elaborar as políticas e de providenciar a estrutura necessária para o processo de ensino e apren-



“Ao responsabilizar os alunos e as famílias pelo fracasso escolar, o educador deixa de analisar o papel da escola e as possibilidades que ele tem de atuar como o agente público que de fato é.”

Sônia Kruppa
Professora da Sociologia da USP

dizagem. No ranking sobre as influências negativas no ensino – o mesmo em que alunos e famílias surgem nas primeiras posições –, os itens associados ao orçamento e às diretrizes da Educação são citados nas últimas colocações.

“Ao responsabilizar os alunos e as famílias pelo fracasso escolar, o educador deixa de analisar o papel da escola e as possibilidades que ele tem de agir como o agente público que de fato é, como membro de uma instituição igualmente pública – a escola – que precisa se relacionar com o sistema para funcionar com eficiência”, analisa Sônia Kruppa.

As causas do problema

“O docente simplesmente não enxerga o Estado porque ele é omissor em vários aspectos da vida dele”, ressalta Luis Carlos



“Os professores assumiram o discurso infundado de que a escola não tem mais valor e agora têm dificuldade em ver a instituição como responsável pela seleção e formalização do conhecimento.”

Celso Favaretto
Professor da Educação da USP

de Menezes. O sistema não é cobrado pelas deficiências e também não aparece quando uma experiência dá certo: “Se a escola vai bem, o mérito é de uns poucos mestres dedicados ou da direção eficiente”. Nem é preciso lembrar que sucessos isolados não levam à melhoria da Educação como um todo.

O filósofo Celso Favaretto acredita que a escola perdeu a confiança nela mesma e, com isso, deixou de se posicionar como instituição: “Ao perder a exclusividade de divulgadora do conhecimento – papel que hoje compartilha com os meios de comunicação –, ela não consegue mais enxergar sua missão original, que é debater e realizar o bem comum e as políticas sociais, culturais e educacionais”.

O professor também entra nesse compasso e cada vez mais se sente à parte, iso-

lado. Sônia Kruppa acredita que essa ruptura tem origem no que ela chama de falta de vínculo: todos os anos há mudanças no quadro docente e fica difícil organizar e implantar um projeto em conjunto. Ao ser removido, o professor não sente pertencente nem à escola e à comunidade nem à instituição e ao sistema.

Para refletir

A Educação é um processo coletivo, que se dá em determinado espaço, uma instituição chamada escola. Essa, por sua vez, é regida por políticas públicas, que deveriam ter como objetivo a realização do bem comum para responder às demandas imediatas e as de longo prazo da sociedade. “A relação educacional não se resume ao dueto professor/aluno”, lembra Vera Trevisan. Existem ainda os agentes de ensino das secretarias, o diretor, o coordenador pedagógico e todos os colegas. “Como o professor pode se sentir sozinho e tomar para si toda a responsabilidade?”, questiona ela.

Para Sônia Kruppa, só o grupo pode assumir a formação do educando e, para que esse coletivo se forme, é preciso haver permanência na escola e continuidade nas políticas públicas. Com isso, ela acredita ser possível a comunidade construir um projeto pedagógico democrático para atender à população tal qual ela é.

PROTAGONISTAS DO PROCESSO

Um sistema educativo deve ser entendido como a articulação de três subsistemas: o escolar (a escola e todas as instâncias envolvidas com ela), o socio-cultural (espaços como bibliotecas, ludotecas, cinemas, teatros etc.) e o familiar (que tem o dever de valorizar os outros dois e propiciar o acesso a eles). Essa tríplice aliança é a chave do sucesso da re-

TATIANA CARDEAL

de de ensino da Finlândia, primeira colocada nas principais avaliações internacionais. “Mesmo com todas as deficiências apontadas, o subsistema escolar brasileiro tem as condições necessárias para proporcionar as experiências educacionais e culturais de que as crianças necessitam. Por isso, é muito bom observar que, na pesquisa, 83% dos professores se vêem como protagonistas desse processo”, afirma Regina Scarpa.

A “desistência” da escola, enquanto instituição, e o desânimo do professor poderiam significar um desastre a longo prazo. Com a divulgação (e análise) desses números, NOVA ESCOLA acredita estar contribuindo para uma reflexão coletiva que aponte caminhos para melhorar ainda mais a Educação, em especial na rede pública de nosso país. ☑

O que você achou dos resultados da pesquisa? Debata com seus colegas em www.novaescola.org.br

Onde estamos, para onde vamos

23% acham a educação no Brasil ruim ou péssima

33% acreditam que daqui a dez anos a educação continuará ruim

O que se espera do governo nos próximos dez anos

8% maior participação

9% diminuição das verbas públicas

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)